

"SEM AMOR NÃO SE FAZ NADA".
ENVELHECIMENTO FEMININO E (RESITÊNCIA AO) DUPLO
PADRÃO DA SEXUALIDADE

Celina Natacha Aveiro Vieira

Outubro, 2017

Dissertação apresentada no Mestrado Integrado em Psicologia, área de Psicologia do Comportamento Desviante e da Justiça, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, orientada pela Professora **Doutora Sara Isabel Magalhães** (FPCEUP).

AVISOS LEGAIS

O conteúdo desta dissertação reflete as perspectivas, o trabalho e as interpretações do autor no momento da sua entrega. Esta dissertação pode conter incorreções, tanto conceptuais como metodológicas, que podem ter sido identificadas em momento posterior ao da sua entrega. Por conseguinte, qualquer utilização dos seus conteúdos deve ser exercida com cautela.

Ao entregar esta dissertação, a autora declara que a mesma é resultante do seu próprio trabalho, contém contributos originais e são reconhecidas todas as fontes utilizadas, encontrando-se tais fontes devidamente citadas no corpo do texto e identificadas na secção de referências. A autora declara, ainda, que não divulga na presente dissertação quaisquer conteúdos cuja reprodução esteja vedada por direitos de autor ou de propriedade industrial.

Agradecimentos

A realização desta investigação e maravilhosa experiência pessoal e académica, não teria sido possível sem a intervenção e colaboração de algumas pessoas, e por isso umas palavras de apreço:

À Professora Doutora Sara Magalhães, por ter sido uma orientadora excepcional. Obrigada pela disponibilidade, dedicação, compreensão, profissionalismo e amizade. Esta experiência não teria o mesmo significado sem a sua presença.

À Professora Doutora Conceição Nogueira, pela crítica e partilha constante. Foi um prazer aprender consigo durante o percurso universitário.

Ao Professor Doutor Nuno Carneiro, pelo conhecimento e feedback transmitido durante este percurso.

Aos meus pais, por me terem incentivado a ser quem sou. *À minha mãe*, por ser a Luz da minha vida, e por ser a prova viva de que os verdadeiros heróis não precisam de usar capa.

Às minhas queridas irmãs, Joana, Alexandra e Nicole, por serem as melhores irmãs e amigas de todo o sempre. Obrigada pelo apoio e amor incondicional, estou orgulhosa das maravilhosas pessoas que nos tornámos.

Ao João Pedro, por caminharmos de mãos dadas. É realmente gratificante chegar ao fim deste percurso e perceber o quanto crescemos e ver tudo o que conquistámos.

Aos meus amigos, aos que estão perto e aos que estão longe. Obrigada por seguirem comigo no percurso da vida.

Às Instituições intervenientes, pela colaboração ativa durante todo o percurso.

E principalmente às mulheres que participaram neste estudo. Obrigada pelo carinho e por terem aberto a porta dos vossos corações e permitirem, através do vosso testemunho, que se valorize a educação e sensibilização da pessoa idosa do futuro, para as questões da sexualidade.

Resumo

O aumento da população sénior em Portugal, tem permitido um vasto leque de investigações para esta faixa etária, a área da sexualidade não é excepção. Estes estudos têm surgido com o intuito de desmistificar e contrariar determinadas crenças tradicionalistas que enviesam a forma como a sociedade percebe a pessoa idosa. A forma como se percebe a sexualidade na idade sénior, assume diferentes representações para homens e mulheres, sendo que nas mulheres verifica-se uma dupla estigmatização – duplo padrão sexual.

Pretende-se, com esta dissertação, verificar, de que forma é que uma menor/maior permissividade está relacionada com um reduzido/elevado grau de aceitação do duplo padrão sexual. Para o efeito, foram utilizadas entrevistas individuais semiestruturadas com o intuito de investigar, quais as atitudes e crenças entre 17 mulheres séniores, com idades compreendidas entre os 65 e os 90 anos (2 solteiras, 1 casada e 14 viúvas). Para o tratamento da informação obtida, recorreu-se à análise temática de Braun e Clarke (2006). Desta análise emergiram 6 temas, representativos das vivências e significados interiorizados pelas participantes: *Sentimentos perante a Sexualidade, Exploração da Relação Eu-Outro, Intimidade do Ponto de Vista Sénior, Manifestação do Duplo Padrão Sexual, Crenças e Atitudes: Sexualidade e Duplo Padrão Sexual, Dinâmicas associadas ao Envelhecimento*.

Os resultados indicam que apesar de se verificar uma aceitação do duplo padrão sexual, através das narrativas próprias de cada participante, não ocorre uma estigmatização total do papel da mulher. A tomada de iniciativa e liberdade sexual continua a ser associada ao sexo masculino, em detrimento da submissão da mulher, mas as participantes verbalizam compreensão acerca da forma como a sexualidade se manifesta nos dias de hoje. Neste sentido, há uma aceitação do pensamento atual para os outros, mas uma negação para si próprias.

No envelhecimento, as crenças enraizadas e a religião desempenham um papel fundamental e não favorecem comportamentos permissivos por parte do sexo feminino. O desenvolvimento de estudos nesta área torna-se importante para que se possa educar e sensibilizar as pessoas idosas do futuro – nós.

Palavras-chave: Percepções Sociais. Duplo Padrão Sexual. Mulheres. Sexualidade. Envelhecimento.

Abstract

The increase of the population in Portugal, has allowed a wide range of investigations in sexuality to this age group. These studies have emerged in order to demystify and counter certain traditionalist beliefs that biases about the way society face the elderly. How sexuality in the elderly is faced, takes different representations for men and women, so in women there is a sexual double stigmatization – sexual double standard.

To this end, individual semi-structured interviews were used in order to investigate, what are the attitudes and beliefs among 17 older women, aged 65 and 90 years (2 single, 1 married and 14 widows). For the treatment of the obtained information, the thematic analysis of Braun and Clarke (2006) was used. From this analysis emerged 6 themes, representing the experiences and meanings internalized by participants: Feelings towards Sexuality, Development of relationship I-other, Intimacy from de senior point of view, Double Sexual Standard manifestation, Attitudes and Beliefs: Sexuality and Double Sexual Standard and Dynamics associated with old age.

The aim is to check, how is that a lower/higher permissiveness is related to low/high degree of acceptance of the sexual double standard.

The results indicate that although there is an acceptance of the sexual double standard, through the narratives of each participant, does not occur a total stigmatization of women's role. Taking initiative and sexual freedom still is associated with the male, to the detriment of women's submission, but the participants do understand about how sexuality expresses itself nowadays. In this matter, there is an acceptance of the current thinking for the others, but a denial for themselves.

In aging, rooted beliefs and religion play a key role and not favour permissive behaviours by women. The need for development of studies in this area becomes important, to educate and sensitize the elderly in the future – us.

Keywords: sexuality, women, aging, sexual double standard, attitudes and beliefs

Résumé

L'augmentation de la population au Portugal, a permis une large gamme d'enquêtes dans la sexualité à ce groupe d'âge. Ces études ont vu le jour afin de démystifier et de contrer certaine croyance traditionaliste qui biaise, sur le visage de la société de manière, les personnes âgées. Comment la sexualité chez la personne âgée est confrontée, prend différentes représentations des hommes et des femmes, donc chez les femmes, il y a double stigmatisation de s –sexuelle double standard.

À cette fin, des entretiens semi-directifs individuels ont été utilisés afin d'étudier, quels sont les attitudes et les croyances des 17 femmes âgées, âgées de 65 à 90 ans (2 lits simples, 1 marié et 14 veuves). Pour le traitement de l'information obtenue, l'analyse thématique de Braun et Clarke (2006) a été utilisé. Cette analyse est sorti 6 thèmes, représentant les expériences et les significations internalisées par les participants : Sentiments envers la sexualité, Développement de la relation je-autres, Intimité d'hauts de point de vue, manifestation Double sexuel Standard, Attitudes et Croyances : Sexualité et Double sexuel Standard et Dynamique liés à la vieillesse.

L'objectif est de vérifier, comment est-ce un inférieur/supérieur permissivité correspond aux bas/haut degré d'acceptation de la norme sexuelle.

Les résultats indiquent que bien qu'il y ait une acceptation de la norme sexuelle, à travers les récits de chaque participant, ne produit pas une stigmatisation totale du rôle des femmes. Prendre la liberté d'initiative et sexuelle est toujours associé avec le mâle, au détriment de la soumission de la femme, mais les participants comprennent comment la sexualité s'exprime aujourd'hui. Dans cette affaire, il y a une acceptation de la pensée actuelle pour les autres, mais un déni d'eux-mêmes.

Au cours du vieillissement, croyances enracinées et religion jouent un rôle clé et ne favorisent pas permissifs comportements par des femmes. La nécessité de développer des études dans ce domaine devient importante, d'éduquer et de sensibiliser les personnes âgées dans le futur – nous.

Mots-Clés: sexualité, femmes, vieillissement, sexuelle double standard, attitudes et croyances.

Índice

Introdução	1
1. Enquadramento Teórico	3
1.1. Envelhecimento.....	3
1.2. Idadismo/Ageísmo	5
1.3. Discriminação sexual na velhice	8
1.3.1. A sexualidade	8
1.3.2. Sexualidade na velhice	8
1.4. Duplo Padrão Sexual.....	11
1.5. Permissividade Sexual	14
2. Metodologia	16
2.1. Participantes.....	16
2.2. Recolha de Dados	16
2.3. Métodos de Análise de Dados.....	21
3. Análise e Discussão de Resultados	23
3.1. Sentimentos perante a sexualidade	23
3.2. Exploração da relação Eu-Outro	24
3.3. Intimidade do ponto de vista sénior	26
3.4. Manifestação do Duplo Padrão Sexual	30
3.5. Crenças e Atitudes: Sexualidade e Duplo Padrão Sexual	31
3.6. Dinâmicas associadas ao envelhecimento	32
3.7. Considerações gerais.....	35
Conclusão	39
Referências Bibliográficas.....	41
Anexos	45
<u>Anexo 1. Guião da entrevista</u>	46
<u>Anexo 2. Termo de Consentimento Informado</u>	50
<u>Anexo 3. Apresentação de temas e exemplos de códigos</u>	51

Introdução

Portugal tem sido espaço de mutações demográficas de ampla escala e com importantes repercussões sociais, económicas e culturais. A evolução demográfica nos últimos anos caracterizou-se por um gradual aumento dos grupos etários séniores e uma redução do peso da população jovem. Esta dinâmica populacional aponta para uma transição demográfica sem precedentes na história (Carneiro, 2012).

A problemática do envelhecimento está direcionada para a crescente preocupação que se tem vindo a desenvolver a partir de várias perspetivas, sejam estas pessoais, sociais, culturais, económicas e cívicas. Surgem igualmente inúmeras preocupações associadas às atitudes e crenças associadas ao envelhecimento. Estas noções e enviesamentos desencadeiam atitudes de preconceito, discriminação e falta de informação acerca do envelhecimento e do papel da pessoa idosa na sociedade. A falta de preocupação e discriminação caracteriza o idadismo/atitudes idadistas ainda presentes na população portuguesa.

O idadismo (*ageism/age-ism*) direciona o processo de discriminação entre determinados grupos em função da idade (Butler, 1969). Neste caso, as pessoas idosas são alvo de associações menos próprias em vários níveis, como por exemplo, a crença que as pessoas séniores não são sexualmente ativos ou a crença de que já são muito idosos/as para desempenhar determinadas funções. Estas crenças induzem, ainda que de forma inconsciente, a uma discriminação e proliferação do preconceito acerca do que é que as pessoas idosas podem ou não fazer tendo como base o número que representa a idade.

Nesta dissertação o foco vai para as interpretações que a sociedade desenvolve acerca da sexualidade na pessoa idosa, mais especificamente para as distinções que são feitas entre homens e mulheres.

Além de ser notória a presença de estereótipos idadistas no geral, as mulheres são ainda alvo de discriminação sexual, sendo que aos homens é concedida uma maior liberdade e escolha sexual. Este processo de beneficiar os homens em detrimento da depreciação social das mulheres é denominado de duplo padrão sexual.

O duplo padrão sexual é igualmente sinónimo de discriminação e preconceito sexual associado à permissividade sexual das mulheres. A permissividade é

caracterizada pela prática de comportamentos íntimos sexuais afetivos (e.g. sexo numa relação é aceitável) ou sem afeto (e.g. sexo casual é aceitável).

Interessa aqui perceber, até que ponto a aceitação do duplo padrão sexual, resulta de uma maior/menor permissividade sexual perante um alvo feminino. As mulheres idosas são igualmente alvo de atitudes e crenças idadistas assim como alvo de enviesamentos associados à componente sexual.

Também é possível discutir a questão deste efeito da permissividade sexual na percepção social e as diferenças de género na percepção da sexualidade.

1. Enquadramento Teórico

1.1. Envelhecimento

Em termos etimológicos, segundo Vieira (1994), a palavra envelhecimento deriva do latim “*veclus, vetulusm*” – que significa velho. O sufixo “*mento*”, por sua vez, caracteriza a ação, neste contexto a ação de envelhecer.

Segundo o relatório mundial da Organização Mundial de Saúde (OMS), o envelhecimento é um processo com mudanças complexas. Ao nível biológico, estas mudanças ocorrem nas células e moléculas e com o tempo potenciam perdas das capacidades fisiológicas, havendo, portanto, uma diminuição das capacidades de um determinado indivíduo (Organização Mundial de Saúde, 2015).

Este conceito de envelhecimento sofreu algumas modificações ao longo da história da humanidade. Na época do império Romano, o estatuto da pessoa idosa, ganhou alguma visibilidade devido à experiência de vida que possibilitava um leque de conhecimentos a serem transmitidos. Aliás a idade de intelectual ótima era aos 80 anos (Agreda, 1999).

Ao longo da história, o estatuto da pessoa idosa estaria dependente das sociedades e crenças relacionadas com o envelhecimento.

Mais tarde, e a partir do século XX, surge então, nos países desenvolvidos um acentuado envelhecimento demográfico. Este crescimento, mundialmente exponencial da percentagem de pessoas idosas, deve-se essencialmente à diminuição das taxas de natalidade (Nazareth, 2009), e ainda à diminuição da mortalidade entre adultos/indivíduos de meia-idade, devido aos avanços da ciência.

Estes fenómenos demográficos, impulsionaram os estudos da Gerontologia para que condições, pessoais e sociais, possam ser garantidas para o bem-estar da pessoa idosa promovendo condições de envelhecimento saudável.

Nos dias de hoje, em Portugal e no mundo, o panorama continua o mesmo. De acordo com o anuário estatístico,

“o peso da população idosa, manteve um perfil ascendente, em consequência da tendência de diminuição da fecundidade e do aumento da longevidade. Desde 1990 que a proporção de indivíduos por 100 residentes com menos de 15 anos (índice de envelhecimento) apresenta uma tendência sistemática de crescimento (72,1 em 1992 e 141,3 em 2013)” (Instituto Nacional de Estatística, 2015, p.1).

A noção de envelhecimento pode assumir várias concepções, em função das considerações pessoais de cada autor.

A título de exemplo, Costa (1999) identifica o processo de envelhecimento como uma característica, por agora inevitável, das formas de vida mais elevadas, sendo definido como um processo de diminuição orgânica e funcional, não decorrente de acidente ou de doença e que acontece inevitavelmente com o passar do tempo. Esta noção, contradiz a falácia social do envelhecimento normal para um envelhecimento patológico presente em indivíduos cuja idade cronológica é efetivamente inferior a idade biológica.

Paschoal (1999) caracteriza o processo de envelhecimento como pessoal, na medida em que cada indivíduo ao envelhecer pode apresentar discrepâncias no desenvolvimento em diferentes níveis e diferentes graus, sendo que determinadas funções e capacidades declinam mais rapidamente que outras. Para suportar a sua teoria, apresenta as seguintes dimensões/domínios:

- Biológico: o envelhecimento como um processo contínuo durante a vida, começando pelo menos na puberdade;
- Social: o estatuto de “idoso” está dependente do quadro cultural, das perspetivas geracionais e condições de vida e trabalho de cada um.
- Intelectual: Na velhice, a pessoa idosa é confrontada com alguns lapsos de memória, dificuldade de aprendizagem e falhas nos processos atencionais, orientação e concentração. Existe uma diminuição destes processos quando comparados com os anteriores.
- Económico: Considera ser uma pessoa idosa, quem deixa o mercado de trabalho e deixa de ser economicamente ativo.
- Funcional: Caracterização da pessoa idosa em termos de deterioração da saúde física e mental, resultado do passar dos anos e que culmina numa dependência de outros para a satisfação de necessidades básicas ou de tarefas habituais.
- Cronológica: Idade a partir da qual os indivíduos são considerados séniores, sendo que a maior parte da literatura aponta para uma idade superior a 65 anos.

Segundo Gorman (1999),

“O processo de envelhecimento, é naturalmente uma realidade biológica que tem a sua dinâmica própria, em grande parte fora do controlo humano. No entanto está sujeito às construções que cada sociedade faz da velhice. No mundo desenvolvido, o tempo cronológico desempenha um papel essencial, pois a idade de 60 a 65 anos, está legislada como a idade da reforma, na maior parte dos países desenvolvidos, estipulando assim o início da velhice. Em muitas regiões do mundo em desenvolvimento, o tempo cronológico pouco ou nada é importante no sentido da velhice” (p.7).

De acordo com Paúl e Fonseca (2005), o envelhecimento e a velhice levam a preocupação e reflexão, desde épocas bem longínquas, perante a ambição pela eternidade e perplexidade face ao sofrimento e a morte.

De acordo com Serrão (2006), o termo “séniores” caracteriza homens e mulheres com mais de 65 anos, não associados a atividades profissionais formais, que mantêm as suas capacidades, são ativos, independentes e saudáveis. Este termo abrange a faixa etária dos 65 aos 95 anos. O autor acrescenta ainda três subtipos de homens e mulheres:

- (i) Idosos muito dependentes, com idades superiores a 85 anos e com dependência que resulta ou do envelhecimento natural ou por motivos de doença.
- (ii) Idosos dependentes, resultado de doença crónica que obriga tratamentos médicos constantes.
- (iii) Idosos independentes, pessoas idosas que mantêm as suas capacidades, mas estão inativos “agarrados ao falso *slogan*: não faço nada porque estou reformado” (Serrão, 2006, p.132).

1.2. Idadismo/Ageísmo

Os estudos de investigação, sobre a percepção da imagem de envelhecimento e da própria pessoa idosa, foram impulsionados por uma grande pressão social e demográfica no final da primeira metade do século XX. Até aqui, estes estudos foram colocados de lado em detrimento do desenvolvimento das psicologias sobre a infância e

adolescência (Magalhães et al, 2009). Surge então, uma necessidade de desenvolver estudos sobre a percepção/estereótipos negativos acerca da velhice.

Em Portugal, muito semelhante a outras sociedades desenvolvidas, as taxas de natalidade são cada vez menores e as taxas de população idosa aumentam exponencialmente. A problemática assenta na sociedade em que estamos inseridos, uma que ainda é controlada por estereótipos que valorizam os processos e símbolos associados à juventude.

Esta noção estereotipada gerou alguma preocupação social e assumiu uma maior preocupação a partir da II Assembleia Mundial para o Envelhecimento realizada pela Nações Unidas (ONU- United Nations), em Madrid, no mês de Abril de 2002. A partir deste movimento surge o Plano de Ação Internacional (WHO, 2002), que se destina a promover uma imagem positiva do envelhecimento, assim como promover um maior reconhecimento público da “autoridade, da sabedoria, da produtividade e outras contribuições importantes das pessoas idosas” (Magalhães et al, 2009).

O reconhecimento positivo do envelhecimento é denominado de envelhecimento ativo. De acordo com a autora Constança Paúl (2005), “o envelhecimento ativo define-se como um processo de otimização de oportunidades para a saúde, participação e segurança. O envelhecimento implica autonomia (controlo), independência (nas AVD – Atividades de Vida Diária e nas AIVD – Atividades Instrumentais de Vida Diária), qualidade de vida e expectativa de vida saudável” (Paúl, 2005).

Desta forma, os estudos recentes neste campo em Portugal indicam ainda a persistência de alguns estereótipos negativos (e.g. Magalhães, 2003). Estes estereótipos de carácter ofensivo, produzem atitudes negativas que por sua vez contribuem para a formação de mais estereótipos negativos. Estes estereótipos acabam por resultar em idadismo.

O termo idadismo de origem anglo-saxónica (*ageism/age-ism*), foi inicialmente introduzido por Richard Butler em 1969. Diz respeito a um processo de discriminação irracional entre determinados grupos, em função da idade. No geral, a discriminação tem em como alvo a população idosa. O idadismo está também presente noutros grupos etários, os mais novos não confiam em indivíduos com idade superior a 30 anos e vice-versa. Esta noção reflete a verdade desconfortável e inaceitável, por parte dos indivíduos mais novos de meia-idade, acerca do seu próprio envelhecimento. As pessoas idosas sofrem em demasia estas represálias porque são vistos como incapazes, débeis, doentes e sem utilidade (Butler, 1969).

Butler (1969) acrescenta ainda que este tipo de discriminação pode ser adicionado a lista dos “ismos” que já conhecemos, como o racismo e o sexismo. O idadismo é um processo de discriminação e estereótipo sistematizado contra as pessoas por serem idosas, assim como o racismo e o sexismo obtêm o mesmo tipo de ofensa através da cor da pele ou em função do género.

Nos estudos de Constança Paúl e Óscar Ribeiro (2012), sobre a velhice desgenderizada e as influências do idadismo, a segregação com base na idade acontece a vários níveis desenvolvimentais (infância, adolescência, meia-idade e terceira idade) e é o principal responsável pela alteração da imagem associada ao envelhecimento. A origem destes estereótipos enfatiza por um lado a imagem da juventude associada à produtividade, independência e dinamismo e por outro lado, a pessoa idosa, como não produtivo, dependente e inativo (Paúl & Ribeiro, 2012).

Na verdade, este tipo de discriminação afeta-nos a todos nós indiretamente. Se pararmos para pensar, em algum momento da vida vamos ser pessoas idosas e pelo padrão de conduta atual, vamos sofrer a mesma discriminação que as pessoas idosas do presente sofrem (Palmore, 2001).

O idadismo (*ageism*) está presente em vários padrões de pensamento da sociedade, em assunções não faladas, mitos que atravessam gerações, imaginação popular enviesada que são fruto de uma aceitação social de que o declínio baseado na idade é inevitável (Levy & Banaji, 2002, citado em Macnicol, 2006). Esta construção social está associada a um idadismo implícito, os pensamentos que operam de forma automática e inconsciente, desprovidos de controlo, sobre a pessoa idosa.

Este constructo, é motivo de controvérsia entre os autores e pode apresentar diversas origens. Por outro lado, importa referir as questões económicas e capitalistas associadas à velhice. Estas sociedades capitalistas discriminam de forma indireta indivíduos com idade superior a 65 anos, que são considerados como inaptos para trabalhar atribuindo de certa forma uma conotação e estatuto social (Graeber, 1980, citado em Macnicol, 2006). A título de exemplo, o termo pensionista na cultura britânica simboliza uma forma de ofensa (Macnicol, 2006).

Tendo com conta todos estes processos, o idadismo pode assumir três níveis: o pessoal – tem em conta as crenças e sentimentos individuais relativos ao envelhecimento; o cultural – que se relaciona com o valor associado aos estereótipos negativos perante pessoas idosas; e o estrutural – uma abordagem económica que retira vantagens às pessoas idosas através da implementação de reformas forçadas quando atingem uma

determinada idade, baixas pensões ou ainda acessos restritos aos cuidados de saúde (Allan, 2008).

1.3. Discriminação sexual na velhice

1.3.1. A sexualidade

O estudo da sexualidade é transversal aos nossos tempos, sempre esteve presente ao longo da história da humanidade. Desde a Idade Antiga que autores como Platão, identificavam o Deus Eros como o Deus do amor e dos apetites sexuais, Deus do instinto básico da vida e responsável pela atração entre os corpos.

A noção de sexualidade foi sofrendo algumas alterações ao longo do tempo. A partir do século XVII, é possível perceber que o ato sexual e o conceito da sexualidade foram enviesados pela igreja e pela burguesia.

Foucault (1988), nos seus estudos sobre a sexualidade, deixa claro que apesar de ser um domínio que envolve relações de poder, a sexualidade não pode ser objeto da luta de classes da época. Nesta época, o ato sexual com finalidade prazerosa era encarado como pecado pela sociedade. Aqui a moralidade da sociedade é posta em causa.

No entanto, com a necessidade de desenvolver conhecimento sobre os fenómenos sexuais e numa época em que se vivia uma Revolução Científica (século XVI até ao século XVIII), a medicina foi a área impulsionadora do conhecimento sexual científico. As observações passaram a ser naturalistas e científicas ao invés de influenciadas pelo conhecimento pouco fundamentado da Igreja.

Os estudos atuais foram impulsionados pela visão de Freud (1925) e a psicanálise. Freud acaba por fazer uma referência ao Eros de Platão, como a libido, uma força que emanava vitalidade no amor.

Em suma, esta concepção de sexualidade, acaba por ser produto de uma construção da realidade social e cultural e varia tendo em conta o contexto e época histórica.

1.3.2. Sexualidade na velhice

O tema da sexualidade na velhice, é ainda, um tema pouco abordado e explorado, considerado, portanto um tabu. O pouco que se conhece é proveniente do

desenvolvimento da Gerontologia, e outras ciências, que focam a temática da sexualidade na velhice.

A pouca exploração, deve-se ainda à ideia de que os comportamentos afetivo-sexuais/sexualidade no geral fazem referência aos jovens, com ótima saúde e fisicamente atraentes. O constructo da sexualidade direciona as atenções para a atividade genital, acabando por negligenciar outras dimensões, como a afetividade, por exemplo.

Na verdade, o amor e a sexualidade estão presentes no cotidiano da velhice. A informação contraditória que está presente na maior parte do pensamento da sociedade, caracteriza o/a idoso/a como um ser assexuado, desprovido de qualquer estimulação afetivo-sexual.

De fato, o corpo humano passa por mudanças corporais até à velhice, mudanças essas que afetam a forma de estar e se relacionar com o outro afetivamente e sexualmente. Na prática, poderá haver uma diminuição na quantidade de relações sexuais, o que não significa que toda a experiência deva ser entendida como insatisfatória. Nesta fase, a estimulação afetivo-sexual passa por uma exploração corporal traduzida em carícias, movimentos muito centrados no toque e na troca de carinhos, olhares que traduzem o companheirismo, mas também uma procura pela relação sexual. Todos estes estímulos caracterizam uma forma de expressão da sexualidade (Moura et al, 2008).

Segundo Perry e Potter (2005, citado em Moura et al, 2008), a libido no idoso não diminui, mas devido às alterações orgânicas, há uma redução na frequência da atividade sexual. Além destas questões, muitas pessoas idosas estão dependentes de fármacos que podem, efetivamente, interferir com a sexualidade.

Os estudos de Nobre (2006), clarificam a explicação dos fenómenos da disfuncionalidade sexual masculina e feminina ao incluir a contribuição das diferentes variáveis de conotação cognitiva e emocional - e.g. crenças sexuais disfuncionais, enquanto esquema cognitivos despoletados em situações de insucesso sexual, pensamentos automáticos e emoções durante a atividade sexual. No geral, tanto os homens como as mulheres disfuncionais avaliam/interpretam situações de insucesso a fracasso e incompetência pessoal. Desta forma indivíduos disfuncionais apresentam uma tendência para ativar esquemas cognitivos maioritariamente negativos em situação sexual. Tanto nos homens como as mulheres, o desenvolvimento destas crenças contribui para uma maior propensão para a disfunção sexual.

Apesar de tudo, a discriminação e o estigma associados à sexualidade são provenientes das crenças e distorções errôneas da sociedade, indutoras de sentimentos depreciativos nas pessoas idosas, como já foi referido anteriormente. Segundo Perry e Potter (2005, citado em Moura et al, 2008), existem mitos e concepções enviesadas sobre o sexo e envelhecimento, tais como: pensar que o sexo não tem importância na velhice, os últimos anos de vida deveriam ser assexuados, é anormal as pessoas idosas terem interesse por sexo e normalmente os homens séniores procuram mulheres mais jovens.

As distorções sociais, da ausência da sexualidade na velhice, além de serem produtoras de atitudes e crenças negativas na sociedade, acabam também por induzir o medo, vergonha e sentimentos depreciativos nas pessoas idosas. Esta noção gera um ciclo vicioso na sociedade, há uma proliferação do discurso discriminatório (idadismo/ageismo) mais tarde interiorizado pelo/a idoso/a e produtor de expectativas negativas sobre o prazer afetivo-sexual próprio. Todo este ciclo gera uma sensação de insatisfação no bem-estar pessoal. A pessoa idosa vivenciou modelos de educação rígidos que funcionavam à base da imposição de ideais e escolhas para a vida. Esta aceitação do pensamento social discriminatório, sem criticar o que lhe é imposto, é fruto dessas vivências.

Os discursos sociais e até mesmo pessoais, provêm de diferentes formas de pensamentos, por um lado o tradicionalismo que enfatiza a questão do/a idoso/a como um ser assexuado e detentor de conhecimento sobre a vida, que recusa procurar uma companhia do sexo oposto porque “já não tem idade” ou porque tem medo das represálias da sociedade, e por outro lado, o liberalismo, que caracteriza a pessoa idosa como um ser com necessidades afetivo-sexuais, detentor do mesmo conhecimento, mas com a possibilidade de experienciar um envelhecimento sexualmente ativo.

As diferentes concepções de discriminação que afetam a velhice no geral, tanto homens como mulheres, são também influenciadas pelos padrões, de beleza e estética, presentes nas sociedades modernas. Ao longo da história, as mulheres sempre foram símbolo de atratividade sexual e nos dias de hoje, os atributos corporais cada vez mais enfatizados pelos *media* e indústrias comerciais, realçam as qualidades e características a procurar no parceiro ideal.

Os *media* desempenham um papel crucial. Sibila Marques (2011) realça os aspetos positivos e negativos dos meios de comunicação na sociedade. Se por um lado

assistimos a uma maior diversidade de publicidade e mensagens positivas referente às pessoas idosas, por outro lado interiorizamos mensagens subliminares negativas.

É de realçar que as noções de estigma sexual não discriminam só a idade (idoso/a) como também criam diferentes padrões de pensamento para os homens e para as mulheres. Apesar de se verificar que é habitual os homens séniores procurarem por mulheres mais novas, as mulheres séniores desafiam cada vez mais os estereótipos de género e procuram diferentes experiências, seja com homens mais novos ou homens da mesma idade. Nesta situação, é possível afirmar que estes estereótipos de género protegem os homens, por ser habitual a procura de mulheres mais novas por exemplo, e punem socialmente as mulheres que procuram um companheiro para a velhice.

É possível dizer que estamos perante um duplo padrão do envelhecimento (*double standard of ageing*). O duplo padrão do envelhecimento está relacionado com os tratamentos diferenciais tendo em conta a idade, as mulheres perdem valor socialmente e têm tendência a mais depreciações próprias do que os homens. Estes mantêm ou ganham o valor/estatuto social. É de acrescentar ainda que estas depreciações das mulheres mais velhas contribuem para uma auto-percepção negativa nas mulheres à medida que envelhecem (Sontag, 1979; Bell, 1970, citado em Wilcox, 1997).

Os tratamentos diferenciais têm em conta os tais padrões de beleza enviesados da sociedade, onde as mulheres, símbolos de juventude e beleza, não podem ter rugas, devendo ter um aspeto facial delicado, um corpo firme e magro e ausência de cabelos brancos. (Brownmiller, 1984, citado em Wilcox, 1997). Contrariamente, aos homens é “permitido” corresponder à idade, aliás, características próprias dos homens mais velhos são encaradas como sinal de atratividade (Bell, 1970, Sontag, 1979 citado em Wilcox, 1997).

Este tipo de construções sociais não inviabiliza só a componente estética das mulheres, como afeta as suas atitudes e percepções pessoais e sociais. As mulheres vivem num clima de medo e vergonha, fruto da repressão e padronização social.

1.4. Duplo Padrão Sexual

As construções sociais sobre os papéis sexuais de homens e mulheres têm sido alvo de críticas constantes. Apesar de todo o processo de modernização das perspetivas de

gênero, impulsionado pelos movimentos feministas, ainda é possível reconhecer padrões tradicionais de valores e experiências (Jones 2010, citado em Bordini et al, 2010). Na verdade, as regras e valores relacionados com a sexualidade variam em termos de gênero. Esta noção é denominada de duplo padrão sexual (*sexual double standard*).

O duplo padrão sexual, aos olhos de quem o aceita e reproduz nas suas atitudes e pensamentos, resulta em mais avaliações, sexualmente negativas, para as mulheres do que para os homens. Esta percepção compreende a noção normativa de uma determinada sociedade. Desta forma, estão presentes percepções normativas tradicionalistas que enviesam as concepções de gênero, permitindo uma maior liberdade e poder de escolha sexual para os homens, em detrimento da repressão da mulher.

O conceito de duplo padrão sexual foi criado por Reiss (1964), na sequência de várias investigações sobre o modelo de padrões sexuais, para referir um conjunto de normas sociais que determinam a prática de comportamentos sexuais diferenciados para cada um dos gêneros, sendo que aos homens seria concedida uma maior liberdade sexual (Reiss, 1964).

Reiss (1956, 1960, 1964,) começou por operacionalizar o duplo padrão sexual tendo em conta os diferentes padrões de permissividade sexual para homens e mulheres. O efeito do duplo padrão heterossexual é confirmado tendo em conta o grau de aceitação. Ou seja, quando os participantes consideram diferentes níveis ou quantidade de atividade sexual para homens e mulheres. Estes processos ocorrem por exemplo quando os participantes julgam como sendo menos aceitável a atividade sexual num primeiro encontro, para uma mulher em comparação com um homem. Estes padrões são igualmente visíveis em respostas acerca dos contextos ou motivos para a atividade sexual, como por exemplo, a atividade sexual sem afeto ou por razões individualistas, são apresentados de igual forma como motivo de punição para o sexo feminino quando comparado com o masculino (Crawford & Popp, 2003).

Crawford e Popp (2003), referem ainda que a maior parte dos estudos realizados sobre o duplo padrão sexual, inclui maioritariamente estudantes norte americanos de ‘raça’ branca onde se utilizavam etnografias, grupos focais e estudos de entrevistas, análises linguísticas que incluíram amostras diversificadas. Os estudos mostram que o duplo padrão sexual é influenciado por fatores interpessoais (idade, nível de comprometimento da relação e número de parceiros sexuais) e que é feito de

construções locais, variando nos grupos culturais. Ou seja, os padrões sexuais variam de acordo com a etnia, idade e classe social do grupo experimental.

Os autores Marks e Fraley (2006), prosseguiram com experiências para determinar se o efeito da crença num duplo padrão sexual leva a um enviesamento na sua própria confirmação, com indivíduos que têm tendência a reparar na informação que confirma o duplo padrão sexual. O processo de enviesamento foi confirmado com a presença do duplo padrão sexual porque os participantes assimilaram mais comentários negativos do que positivos sobre o alvo feminino e mais positivos no masculino do que no feminino (Marks & Fraley, 2006).

Os mesmos autores, Marks e Fraley (2007), introduziram de novo esta questão do duplo padrão sexual para determinar que tipo de avaliação os participantes faziam das diferentes situações experimentais, tendo em conta a participação individual ou grupal com três pessoas do mesmo sexo. Numa primeira fase, os participantes leram as vinhetas individualmente, na segunda fase em grupo e na terceira fase individualmente de novo. Os resultados indicam que o duplo padrão sexual não foi encontrado na primeira avaliação individual, sendo detetado na condição de grupo. É passível de se acrescentar que em termos de dominância, os alvos masculinos foram classificados como sendo mais dominantes à medida que o número de parceiros sexuais aumentava, enquanto nos alvos femininos não. Neste sentido, a avaliação dos alvos femininos foi negativamente correlacionada com a experiência sexual. Os autores concluem que o duplo padrão sexual é fortemente influenciado pela interação social (Marks & Fraley (2007)

Em Portugal, num estudo de Vera Ramos et al (2005), com o intuito de investigar a percepção das estudantes portuguesas sobre a presença do duplo padrão sexual em julgamentos sociais tendo em conta a sexualidade pré-marital, é concluído que existe um duplo padrão sexual. Desta forma, as mulheres são punidas mais severamente que os homens relativamente ao número de parceiros sexuais. Os autores avaliaram ainda os julgamentos próprios dos participantes, tanto masculinos como femininos, e constataram a presença de um padrão sexual singular que avalia negativamente a prática de sexo casual ou com múltiplos parceiros. No entanto, o duplo padrão sexual está presente na forma como conotaram as mulheres com mais parceiros sexuais (Ramos et al, 2005).

Ainda no contexto português e face ao envelhecimento, Queiroga (2015), no âmbito de uma investigação acerca das percepções e vivências sexuais de mulheres portuguesas com mais de 65 anos, destaca que:

“O estatuto de ser virgem é tão importante que quem o perde, perde também o seu valor social. Assim percebemos que, na visão das participantes, perder a virgindade fora do casamento ou ter diversos parceiros sexuais é algo condenado para as mulheres, e não para os homens.” (p. 31).

Gabriela Bordini e Tania Superb (2012), através de uma revisão literária recente, concluíram que o duplo padrão sexual ainda é identificado nos dias de hoje, embora pareça que os comportamentos sexuais e situações influenciadas por estes fenómenos estão a mudar. De certa forma, a questão do sexo, antes do casamento e fora das relações consideradas como afetivas, é aceitável para ambos os géneros. No entanto, avaliações a outros comportamentos sexuais (e.g. promiscuidade ou permissividade) são ponderadas através de diferentes critérios para homens e mulheres. Estes resultados apontam novamente para um duplo padrão sexual acentuado só em determinados contextos. (Bordini & Superb, 2012).

Uma vez que esta noção de duplo padrão sexual, tem como base a discriminação da permissividade sexual, o último aspeto a focar nesta introdução será esse.

1.5. Permissividade Sexual

A permissividade sexual é caracterizada pela prática de comportamentos íntimos sexuais. Inclui comportamentos sexuais afetivos (e.g. sexo numa relação pré-marital é aceitável, na condição de amor e compromisso entre as pessoas) e comportamentos sexuais sem afeto (e.g. sexo casual é aceitável).

De acordo com a pesquisa bibliográfica, a permissividade sexual, tem sido abordada essencialmente em termos da sexualidade pré-marital em diferentes grupos, domínios em função do género ou em níveis variados de intimidade nas relações (Liao & Tu, 2006). Os estudos determinam em que medida participantes referenciam determinados comportamentos no homem e na mulher como “aceitáveis antes do casamento”. O estudo da permissividade tem estado associado as conotações de duplo padrão sexual.

O estudo da permissividade sexual íntima foi desenvolvido por Christensen e Carpenter (1962). Estes autores criaram uma escala do tipo Guttman relacionada com a permissividade sexual. Os resultados indicam uma associação das normas sexuais com a intimidade sexual e comportamental e ainda diferenças de género na medida em que os homens eram mais permissivos (Liao & Tu, 2006).

Dois anos mais tarde, Reiss (1964), cria uma escala de permissividade sexual pré-marital (PSP – Premarital Sexual Permissiveness Scale). Duas escalas de 12 itens, para homens e mulheres.

O final dos anos 80, Hendrick e Hendrick (1987) desenvolveram a Escala de Atitudes Sexuais para determinar as atitudes perante o sexo. Contudo, a escala teve de ser abreviada e modificada para criar a EBAS - Escala Breve de Atitudes Sexuais (*BSAS – Brief Sexual Attitudes Scale*). Esta escala é um instrumento mais eficiente e fácil de administrar. A EBAS é composta por quatro subescalas: *Permissividade*, *Controlo da Natalidade*, *Comunhão* e *Instrumentalidade*. Os itens são classificados de acordo com uma escala de likert de cinco pontos, que varia desde o concordo fortemente até ao discordo fortemente.

Hendrick e Hendrick (1987) analisaram diferenças raciais entre a permissividade sexual e a prática sexual, e obtiveram como resultados: indivíduos de ‘raça’ branca a reportar uma maior permissividade e práticas sexuais comparativamente a indivíduos de ‘raça’ negra. Estes resultados vão de encontro a outros autores, Brenda e Corwyn (1998) encontraram diferenças igualmente significativas, entre mulheres de ‘raça’ branca e negra relativamente a associações de grupos de pares. Indivíduos de ‘raça’ negra podem fazer uso da atividade sexual como forma de enredar a relação. Hendrick e Hendrick (1987), encontraram também diferenças nas atitudes, na amostra utilizada, em termos de região geográfica (Byno et al, 2009).

2. Metodologia

2.1. Participantes

A amostra deste estudo concentra mulheres séniores solteiras, casadas e viúvas. As participantes foram recrutadas através da formalização de contactos com centros comunitários e instituições residenciais do centro de Portugal.

A cooperação das instituições foi extremamente importante para a elaboração deste estudo. O recrutamento e participação das intervenientes foi realizado de forma a que a aplicação da entrevista fosse realizada de acordo com a disponibilidade da instituição e das participantes.

A amostra é constituída por 17 participantes, sendo 3 solteiras, 2 casadas e 12 viúvas. As idades estão compreendidas entre os 66 anos e os 90 anos. Relativamente à zona de habitação, todas as participantes, habitam em zonas rurais da cidade de Aveiro. É importante referir que grande parte das participantes habita nas instituições onde foram recolhidas as amostras.

A recolha da amostra foi finalizada, tendo em conta a saturação teórica dos dados, momento em que se verifica a replicação de respostas. Segundo, Fontanella e companheiros (2008) “as informações fornecidas pelos novos participantes da pesquisa pouco acrescentariam ao material já obtido, não mais contribuindo significativamente para o aperfeiçoamento da reflexão teórica fundamentada nos dados que estão sendo coletados” (p. 17). Neste sentido procedeu-se ao término do recrutamento.

2.2. Recolha de Dados

O estudo foi desenvolvido tendo como base metodologia de investigação qualitativa, por ser uma metodologia adequada e centralizada nos objetivos que se pretendeu nesta investigação. Sendo uma metodologia interpretativa, a metodologia qualitativa captura a complexidade, confusão e contradição das características do mundo real, ainda assim permite-nos construir padrões de significados (Braun & Clarke, 2013).

Da mesma forma que a metodologia qualitativa pretende retratar uma determinada realidade social com um significado próprio, esta análise tem igualmente

como objetivo primordial a identificação e caracterização de uma determinada realidade, tendo em conta a perspectiva individual de cada participante.

Strauss e Corbin (1990), nos seus estudos, mencionam que a metodologia qualitativa pode ser utilizada para uma melhor compreensão de um determinado fenómeno pouco explorado, com pouca informação ou para a construção de novas perspectivas/teorias acerca de temas muito explorados e debatidos.

Entre os vastos métodos característicos da metodologia qualitativa, o método de recolha de dados utilizado foi a entrevista semiestruturada, com a intenção de se permitir e verificar a emergência de novos pontos de vista (Aira et al, 2003). Com esta entrevista tivemos a possibilidade de realizar questões flexíveis, essenciais para colmatar questões adicionais, e questões diretas, essenciais para extrair informação sobre pontos objetivos do estudo.

Este momento da investigação obedece a um racional lógico que começa por incluir os próprios participantes no estudo, introduzindo as noções que vão ser abordadas seguido de um levantamento das questões sociodemográficas necessárias para caracterizar a amostra. Neste espaço privilegia-se o estabelecimento de uma relação necessária para o à vontade das participantes, permitindo um fluxo natural de respostas. No final desta exposição, foi ainda criado um espaço/momento onde se falou acerca de como as participantes sentiram-se durante o processo e foram esclarecidas eventuais questões.

O guião foi elaborado (cf. Anexo 1) tendo em conta uma revisão bibliográfica acerca das questões associadas à sexualidade sénior, duplo padrão sexual e atitudes e crenças perante estas noções. O guião é composto por duas partes/componentes, A e B. A primeira componente, é constituída por 23 questões que permitem identificar as atitudes perante alguns domínios da sexualidade, estando entre eles a permissividade sexual. Estas questões são a reprodução da BSAS de Hendrick and Hendrick (1987) e têm como objetivo o levantamento das atitudes das participantes perante estas noções. Ao longo do guião, o termo “relação sexual” é usado frequentemente, à exceção da questão 7, onde se utiliza termo “sexo”. Esta preferência surge com o intuito de verificar o impacto que a palavra “sexo”, provoca nos discursos das participantes.

A segunda componente é constituída por 6 vinhetas com o intuito de identificar quais as crenças associadas a determinadas situações, representativas do duplo padrão sexual, que se vive atualmente. Para uma melhor compreensão do que se pretende analisar através das vinhetas, nas próximas linhas serão apresentadas as vinhetas

utilizadas no estudo e quais as questões que se pretende explorar. Importa ainda acrescentar que as personagens das vinhetas, variam entre o sexo masculino e o feminino. No final de cada vinheta é questionado sobre o que aconteceria se a situação se passasse com o sexo oposto, ou seja, numa vinheta em que a personagem principal é feminina o que aconteceria se em vez do feminino fosse um personagem masculino. O mesmo acontece para as vinhetas em que o personagem masculino é o personagem principal. Esta linha de raciocínio permite que se explore quais as posições perante homens e perante mulheres em determinadas situações, identificando a existência ou não do duplo padrão sexual.

1ª Vinheta

“A Rosa tem 70 anos. Trabalhou como professora primária durante muitos anos. Nos dias de hoje, tenta desfrutar da sua reforma ao máximo. A Rosa vive sozinha, mas tem muitas visitas dos seus sobrinhos. Divorciou-se quando tinha 40 anos e desde então não voltou a procurar um companheiro.

A Rosa passa muito tempo sozinha em casa, pois arranja sempre qualquer coisa para fazer. Ultimamente tem ido lanchar a uma padaria/café. Conheceu duas senhoras da mesma idade, a Clara e a Maria, ambas casadas, e um outro senhor, o João, divorciado com 75 anos de idade.

Depois de uns meses de conversa e cumplicidade, a Rosa, convidou o João para um almoço de família. O João confessa gostar da companhia da Rosa e aceita.

No decorrer do almoço, a Rosa percebe que os seus sobrinhos acham que ela já não tem idade para relacionamentos. O que deve a Rosa fazer?”

Nesta primeira vinheta, pretende-se representar a realidade atual, de mulheres idosas que vivem sozinhas, mas rodeadas de familiares que acham que as mulheres já não têm idade para novos relacionamentos. Neste espaço, pretendeu-se verificar até que ponto a permissividade individual da participante pode ser limitada pela opinião dos familiares, explorando, portanto, a individualidade e independência da pessoa idosa, na tomada de decisão. Está igualmente retratada, a possibilidade de desenvolver uma relação, de amizade ou amorosa, com alguém conhecido na comunidade.

2ª Vinheta

“O Rui tem 65 anos. Foi juiz durante toda a sua vida, mas quis reformar-se cedo. É viúvo, a sua mulher morreu há cerca de 10 anos. Atualmente vive com o seu filho Carlos de 40 anos.

O Rui passa muito tempo no clube de golfe perto de sua casa e costuma reunir com os seus colegas de profissão. Todos eles são casados e incentivam o Rui a procurar alguém que lhe faça companhia. O Rui inscreveu-se num site de encontros na internet e conheceu uma senhora. Depois de alguns meses de conversa, a senhora decide convidar o Rui para sair. O que acha que deve acontecer nesta situação?”

A segunda situação pretende representar o contexto tecnológico que se vive nos dias de hoje, onde a utilização da tecnologia é cada vez mais frequente em todas as faixas etárias. Pretendeu-se explorar a aceitação/ não aceitação da tomada de iniciativa por parte da mulher, quando convida o homem. Aqui pretende-se confrontar a ideia que existe acerca da tomada de iniciativa ser própria dos homens.

3ª Vinheta

“A Maria, de 75 anos e o Carlos, de 80 anos, são casados há 50 anos. A Maria diz ao Carlos que quer ter relações sexuais mais vezes, mas o Carlos diz já são muito velhos para isso. Que acha desta situação?”

Esta terceira situação, passa por explorar qual a opinião da participante relativamente à prática de relações sexuais na terceira idade. A personagem principal/alvo é a mulher, numa tentativa de explorar a presença, ou não, do duplo padrão do envelhecimento.

4ª Vinheta

“A Mariana, de 49 anos, e o Cláudio de 52 anos, são namorados. Depois de algumas semanas de namoro, a Mariana manifesta o seu desejo em ter relações sexuais com o Cláudio. Este prefere apostar nas demonstrações de carinho, amor e cumplicidade antes de passar para outra fase. Que acha desta situação?”

Nesta situação, o intuito é explorar a noção de namoro e de método contraceptivo por pessoas de meia-idade, uma vez que estes são frequentemente associado à juventude e à prevenção da gravidez. Na situação em questão, a personagem principal/alvo, é igualmente uma mulher, indicando um comportamento permissivo por parte desta personagem.

5ª Vinheta

“A Carla tem 68 anos, é solteira e frequenta o centro de dia da sua freguesia. O centro de dia desenvolve muitas atividades para manter as pessoas ativas e bem-dispostas. A Carla conheceu o Paulo de 65 anos e solteiro e, simpatizou com ele. Depois de alguns meses de interesse um pelo outro, a Carla e o Paulo tiveram relações sexuais. O Paulo quer assumir uma relação, mas a Carla diz que o sexo sem compromissos é o melhor; além disso usam preservativo... Que acha desta situação?”

Com esta situação, pretende-se retratar a realidade sénior, no que concerne ao tempo que as pessoas passam nas instituições, aumentando a possibilidade de estabelecerem relações com outras pessoas idosas. Nesta vinheta, a mulher adota um comportamento permissivo, não querendo assumir uma relação, enquanto que o homem é associado a questões afetivas. Pretende-se verificar até que ponto é que existe diferença, entre os sexos, relativamente a estas duas posições, uma vez que socialmente a mulher assume uma posição direcionada para os sentimentos enquanto que ao homem é associada a necessidade de prazer sexual.

6ª Vinheta

“A Rute tem 70 anos e o seu marido, José de 73 anos são casados há 50 anos. Sempre mantiveram uma relação saudável de amor e companheirismo. Nos últimos anos o José queixa-se da sua aparência, diz que envelheceu muito e tem alguma vergonha do seu corpo. Costuma dizer em jeito de brincadeira que qualquer dia, a Rute troca-o por alguém mais novo. Que acha desta situação?”

Nesta última vinheta, pretendeu-se explorar questões associadas ao próprio envelhecimento, as mudanças corporais que surgem e o impacto na autoestima e na relação do casal. As mudanças corporais assumem diferentes representações para homens e mulheres e é esse sentido que se pretende investigar.

As entrevistas foram conduzidas nas instalações dos centros e tiveram uma duração média de 40 minutos. O propósito da entrevista foi explicado e a cada participante foi fornecido o consentimento informado (cf. Anexo 2) com todas as informações necessárias, incluindo também a solicitação da autorização para gravação áudio do momento da entrevista, essencial para análise posterior dos dados.

2.3. Métodos de Análise de Dados

Para a análise dos dados adquiridos, e tendo em conta os objetivos da investigação, a análise temática foi o método escolhido. Braun & Clarke (2006) caracterizam a análise temática como um método para identificar, analisar e reportar padrões (temas) resultantes dos dados, permitindo assim uma organização e descrição detalhada desses dados, implicando igualmente uma interpretação de vários aspetos relacionados com o tema a ser pesquisado (Boyatzis, 1998, citado em Braun & Clarke, 2006). Estas autoras defendem igualmente que, uma característica fundamental deste tipo de análise é a sua flexibilidade em providenciar dados detalhados e complexos.

É relevante apontar que esta flexibilidade, não permite que a análise dos dados seja feita de forma leviana. Esta metodologia engloba diversos processos de análise, escolha e tomada de decisão, relacionados com as questões de investigação a que se pretende dar resposta e com a posição teórica que se pretende adotar. Desta forma, neste estudo, o posicionamento teórico base de análise, é referente a uma perspetiva construcionista social, tendo em conta que se pretende conhecer e analisar, relatos pessoais de experiências, significados/atribuições e a forma como essas noções são influenciadas pela sociedade vigente onde estão inseridas. A análise temática utilizada é indutiva, uma vez que se analisa casos particulares identificando padrões para construir

uma noção geral. Assim os temas identificados e apresentados estão diretamente relacionados com os dados.

Neste sentido, a análise foi elaborada de acordo com as 6 fases da análise temática, definidas por Braun e Clarke (2006). A primeira fase foi definida pela *Familiarização com os dados*, fase essencial onde se elaborou a transcrição das entrevistas de forma exaustiva e imersiva. Deste modo houve um processo de leitura repetida dos dados priorizando uma pesquisa de significados e padrões, essencial para a delineação de ideias e noções acerca dos dados. A segunda fase, caracterizada pela *Produção dos códigos iniciais*, consiste na identificação de ideias, segmentos ou elementos dos dados, que parecem ser interessantes e significantes para o fenómeno em estudo (Boyatzis, 1998, citado em Braun & Clarke, 2006). Posteriormente, na terceira fase, procedeu-se à *Pesquisa de temas*, fase onde se analisa os códigos para formar os temas, e é estabelecida a relação entre códigos e temas e diferentes níveis entre os temas e subtemas. A quarta fase, *Revisão dos temas*, foi elaborada tendo em conta a ligação existente entre códigos e temas e importância associada a cada tema identificado. Nesta fase procedeu-se à elaboração do mapa de temas próprio deste estudo. A quinta e penúltima fase, *Definição e nomeação dos temas*, caracterizou-se pelo processo de gerar definições e significados associados aos dados. A sexta e última fase desta análise, *Produção do relatório*, consiste na apresentação, em formato escrito, clara e válida da análise.

3. Análise e Discussão de Resultados

Os resultados seguidamente apresentados e discutidos, vão de encontro à literatura que tem sido desenvolvida acerca da sexualidade no envelhecimento.

A apresentação e discussão dos resultados que se segue versará os temas identificados no processo de análise: *Sentimentos perante a Sexualidade, Exploração da Relação Eu-Outro, Intimidade do Ponto de Vista Sénior, Manifestação do Duplo Padrão Sexual, Crenças e Atitudes: Sexualidade e Duplo Padrão Sexual e por fim, Dinâmicas associadas ao Envelhecimento*. Para uma melhor exposição e compreensão da relação entre a análise dos dados e o próprio discurso presente nas entrevistas, serão apresentados alguns extratos elucidativos, nas linhas que se seguem. Em anexo é possível efetuar uma consulta pormenorizada acerca dos discursos próprios de cada tema (cf. Anexo 3).

Pretende-se, portanto, verificar até que ponto o grau de aceitação ou recusa do duplo padrão sexual, está associado a uma maior ou menor permissividade.

De uma forma geral, o organizador central dos temas supracitados é o amor, enquanto sentimento, orientador de uma relação amorosa e sexualidade saudável. Um outro fator que é muitas vezes mencionado, é o casamento, sendo que determinadas atitudes e crenças têm na sua base a visão tradicional associada ao casamento religioso.

Assim, o amor é o conceito que sobressai, pois, a grande parte das vivências, atitudes e crenças relatadas, neste processo de análise, têm na sua base este sentimento que permite a relação sexual e determinados comportamentos na vida do casal.

3.1. Sentimentos perante a sexualidade

Na análise dos discursos das participantes, a importância da afetividade numa relação, assume um papel principal. De facto, o discurso das participantes é orientado para uma noção pura e plena do amor, enquanto sentimento que deve ser vivido na vida do casal e orientador da mesma. As participantes descrevem uma sensação de harmonia, afetividade e amizade para com o marido/companheiro, como a “receita ideal”.

A este sentimento de amor, está diretamente relacionada a paixão, a sensibilidade e a noção de que a mulher deve amar o homem e facilitar tudo para que o

homem se sinta satisfeito a todos os níveis. *“Eu acho que sim. Sem amor, não se faz nada.”* (P9); *“Na minha opinião, não tinha relações com essa pessoa, tenho de gostar. Se arranjar outra...”* (P7).

Tendo em conta a idade das participantes, e o estado civil da maior parte das mulheres, viúvas, é importante referir o sentimento de pertença ao marido. Este sentimento impossibilita a procura de um novo companheiro ou de uma relação amorosa, e passa muitas vezes pela lamentação da morte do marido.

A este sentimento de amor, surge frequentemente associada a ideia de amizade entre o casal. *“Nunca tivemos, nunca tivemos ralhão nada. Nunca ele me deu uma bofetada, nunca, nunca, nunca. Tínhamos, éramos um casal muito unido e muito amigo. Trabalhávamos muito. Mas éramos muito, muito unidos.”* (P13)

Nesta exploração dos sentimentos perante a sexualidade, e articulada à pré-existência do sentimento de amor e amizade entre o casal, surge o sentimento da felicidade, crucial para a vivência de uma relação estável. *“Que a gente dando-se bem uns com os outros é bom, dando-se bem uns com os outros é uma alegria.”* (P3)

De um modo geral, na sexualidade, mais especificamente na relação sexual e sentimentos associados ao próprio ato, o prazer não assume uma posição central. A ideia que se extrai dos dados, está diretamente associada à pré-existência de um sentimento – amor – orientador da relação que se pretende estabelecer.

Na quarta vinheta, quando confrontadas com a questão associada às diferenças que existem entre homens e mulheres, no campo da afetividade, as participantes consideram que tanto o sexo masculino, como o feminino, tem consideração pela componente sentimental/afetiva. Existe, portanto, um distanciamento da noção social de que só as mulheres é que têm em conta a dimensão afetiva.

3.2. Exploração da relação Eu-Outro

A compreensão da experiência pessoal, em relações amorosas e sexuais é determinante para a compreensão do fenómeno que se pretende analisar.

Antes de mais, importa referir que o conceito de “relacionamento” que se vive no dia de hoje é diferente da forma como se percepcionava há 50/60 anos atrás, realidade que estas participantes experienciaram.

Quanto à sexualidade na idade sénior, torna-se interessante verificar que apesar de ser cada vez mais frequente e encorajada a atividade sexual entre as pessoas idosas, a noção de voltar a namorar e casar ainda continua a ser estigmatizada entre esta faixa etária (Arluke et al, 1984). Importa ainda referir que neste mesmo estudo, a implicação que se prende com o não desenrolar de uma vida sexual ativa, entre os/as idosos/as, está diretamente relacionada com o facto de haver idosos/as não casados. Mais um fator que determina a existência de um casamento para que a relação sexual seja aceitável. Além destas questões, está ainda implicada a forma como as idosas vivenciaram/experienciaram as suas relações.

Numa primeira fase, o namoro era feito de conversa. Os casais conversavam durante anos sem comportamentos íntimos. *“Eu no meu tempo, nem... um namoro era, namorávamos 5 anos e nem um beijo, nem um beijo...”* (P6)

Acresce ainda a ideia de que outros homens, sem ser o “namorado”, não podiam tocar nas mulheres, sem que estas fossem rotuladas ou estigmatizadas por estarem a manter contacto físico com outras pessoas. Havia, portanto, o peso da opinião social, o medo de sofrer represálias e ser catalogado como “oferecida”.

“Não... se a pessoa gosta. Eu também nunca tive nada com o meu marido. Nem um aperto de mão, nem nada. Eu acho que isso fez com que a gente voltasse a querer estar um com o outro. Primeiro tem de se ver, estar, conhecer, se gosta ou se não gosta. Sabe que o homem tem sempre vontade, mas há mulheres que têm sempre mais que os homens.” (P7)

A segunda fase, prende-se com o dever da mulher, perante o casamento. Através da análise dos dados, foi recorrente a ideia de que a mulher adota uma posição submissa perante o homem, devendo satisfazer todas as suas necessidades. Esta posição, não é propriamente imposta pelo homem, mas sim pelas mulheres por iniciativa própria. Estas atitudes têm como base as crenças representativas do contexto onde viviam. *“Não querida, é comprometida com uns e não se compromete com os outros.”* (P5); *“Pois a gente dando-se bem um com o outro, o marido faz o que quer, não é?”* (P3)

O desenvolvimento de uma relação sexual, na opinião da maior parte das participantes, só é aceitável depois do casamento e está diretamente associado a ideia pré-concebida de que para haver comprometimento tem de haver o sentimento de amor,

abordado já anteriormente. Para que se inicie comportamentos mais íntimos é determinante que haja amor entre as pessoas.

De fato, esta noção de casamento associa-se à religião e ao pensamento religioso. A sexualidade nas pessoas idosas, tem sido vista como algo imoral e inapropriado ao longo dos tempos (Covey, 1989). Estes mesmos autores defendem que uma das grandes premissas acerca da igreja foi a de que a sexualidade dos/as idosos/as não coincidia com os ideais deste pensamento religioso/igreja.

A partir desta crença/ideia tradicionalista, as participantes privilegiam uma relação de união que propicia a amizade e bem-estar entre o casal. No geral, as intervenientes deste estudo, falam das suas relações com carinho, mostrando que desenvolveram e estabeleceram uma relação com uma pessoa que lhes foi e, ainda é, querida.

A forma como estas mulheres viveram em união influencia a forma como encaram a noção de relacionamento nos dias de hoje. Importa referir que a maior parte das participantes só teve relações sexuais com um homem durante toda a vida, pelo que a experiência relacional que têm é com base nos momentos vividos.

No campo da sexualidade, igualmente influenciado pela religião, a mulher tem de fazer tudo aquilo a que se propôs no altar. As questões de género, aqui debatidas, estão relacionadas com a passividade da mulher perante o homem. Na relação, o homem é superior, sendo a mulher submissa. Existe, portanto, um desequilíbrio em termos de necessidades relacionais e sexuais.

Em síntese, verifica-se uma diferença clara entre a convivência do casamento e a necessidade em ter relações sexuais. A convivência retrata a forma como se encara o relacionamento, e tem em conta as características da personalidade do homem e da mulher. Neste estudo, as participantes verbalizam que tinham uma boa relação de convivência com os maridos, mas não queriam ter relações sexuais. Estes dados indicam que apesar de se verificar um bem-estar verbalizado pelas participantes, presente nas suas relações amorosas, tal não era suficiente para que fosse suscitada a vontade de ter relações sexuais.

3.3. Intimidade do ponto de vista sénior

Uma vez que se fala de sexualidade, o tema “intimidade” surgiu da análise dos dados.

Primeiramente, esta questão é vivida/experimentada por todas as participantes de forma diferente. Têm na sua base as representações que vão sendo criadas e desenvolvidas ao longo do tempo. É a partir desta intimidade que se constrói a noção de relacionamento. *“Eu para mim, tem de haver compromisso...”* (P2)

Quando confrontadas com a possibilidade de ter relações sexuais, sem passar por uma fase de troca de carinho/afetividade, todas as participantes são desfavoráveis ou não concordam. Existe, portanto, uma necessidade de haver uma fase em que se privilegia outras dimensões/componentes da sexualidade. Um estudo de Ginsberg e companheiros (2005), numa amostra de 179 participantes com mais de 60 anos de idade, chegou à conclusão de que num espaço de um ano, estes comportamentos sexuais foram identificados como frequentes: (60,5%) o toque/segurar a mão um do outro, acarinhar/abraçar (61,7%) e beijo pelo menos uma vez por mês (57%). Estes autores acrescentam ainda que na vida de 82% da amostra, a masturbação e o relacionamento sexual foram reportados como ausentes.

Para explorar a questão da intimidade e o impacto percebido na vida das participantes, introduziram-se algumas questões relacionadas com os métodos contraceptivos. Estas noções são importantes para explorar a dimensão da relação sexual associada ao prazer. Da análise dos dados, entende-se que o uso dos métodos contraceptivos é frequentemente associado à prevenção da gravidez, negligenciando a prevenção contra as doenças sexualmente transmissíveis. A questão da apresentação dos métodos contraceptivos e a sua funcionalidade, pode estar relacionada com a mudança que estes métodos provocaram na sociedade. Esta mudança está relacionada com a finalidade atribuída às relações sexuais, a reprodução. Até meados dos anos 50/60, as relações sexuais tinham como finalidade a reprodução e depois de introduzidos os métodos contraceptivos, entra a questão do prazer, onde o ato sexual, não está diretamente associado à concepção, mas também ao prazer. *“Preservativo... aí isso para mim, não prestava para mais nada...”* (P4)

Claro que, no campo da sexualidade, nomeadamente a relação sexual, as participantes adotam uma postura favorável à monogamia. A ideia de que a mulher tem de satisfazer o homem, continua muito presente e sempre associada à tomada de iniciativa do homem na relação sexual, em detrimento da submissão da mulher. *“Eu, eu discordo... neste sentido... pode ser uma relação sexual, mas a sério, tem de ser só com aquela pessoa”* (P4)

A noção de prazer é exclusivamente associada ao homem, o homem” tem sempre vontade” (P7), dando a ideia de que o homem tem sempre desejo. Discursos desta índole, negligenciam a própria necessidade sexual da mulher.

Na verdade, a maior parte das participantes (há exceção de uma ou duas, que admitiram gostar de ter relações sexuais) referem que nunca quiseram ter relações sexuais, e acrescentam que só o faziam para satisfazer o marido. O ato sexual é encarado como uma obrigação associada ao casamento. A literatura define que o casamento tem uma forte associação com a atividade sexual para as mulheres, mas não para os homens (Matthias, et al, 1997). Na base destes quesitos de “não negar sexo ao marido”, está a questão da religião, onde a mulher tem de se submeter ao que é imposto, a questão de que se não satisfizer as necessidades do marido, existe a possibilidade de traição. *“Porque por exemplo, se de repente a mulher não está disposta, eles vão procurar outra.”* (P12)

A insatisfação marital dá lugar/motiva a um determinado indivíduo a mudar a relação existente ou a procurar outra relação que poderá ser benéfica/melhor que a anterior (Buss, 1989, citado em Shackelford, 2000).

Quando a mulher nega a relação sexual, é acusada de traição por parte do marido. Uma participante (P11) relata as dificuldades e desentendimentos que tinha com o seu marido porque não queria ter relações sexuais. *“Olhe que eu tive muitos problemas por causa disso (...) ele quer e eu não. E depois ele vai dizer que eu ando metida com outros (...) É mentira não e? ele diz, prontos...”* (P11)

Todas estas questões e percepções instigam a falta de interesse/desinteresse sexual por parte destas mulheres. Se ao longo da sua vida experienciaram situações causadoras de desconforto e mal-estar, verifica-se que na velhice, este tema não é de grande interesse para determinadas idosas, inclusive as participantes deste estudo. Neste ponto de vista, extraído da análise dos dados, existem dois tipos de desinteresse: o desinteresse pela atividade sexual, verbalizado pelas participantes ao longo da vida, e o desinteresse que surge com o envelhecimento. Nesta secção, o desinteresse é representado pela falta de interesse ao longo da vida, desde a juventude até a velhice. O desinteresse associado ao envelhecimento será abordado mais à frente.

Tendo em conta estas as noções supracitadas e a idade das participantes, importa mencionar que estes relatos deram lugar a uma posição de “aversão” perante a relação sexual. Neste sentido, algumas participantes mencionam que tinham algumas estratégias para ‘evitar’ a relação sexual. *“E fingi muita vez, para não lhe negar, para ele me*

deixar. As mulheres sabem fingi... Oh fingi bem. Então não podem fingir? Tem que fingir porque temos de nos governar a gente.” (P17)

De uma forma geral, grande parte das participantes refere que nunca gostou de ter relações sexuais e só o faziam para agradar/satisfazer. *“Ah sim claro, não me apetecia. Eu ia mesmo para lhe fazer a vontade.” (P7)*. Acrescentam ainda que nos dias de hoje não querem ter relações sexuais de forma alguma. Existe uma espécie de “trauma” associado ao ato sexual.

Esta questão prende-se também com a vergonha, verbalizada, de não quererem mostrar o seu corpo a outro homem, pelo que a intimidade fica comprometida.

A maior parte das participantes é viúva, o que acarreta vários desafios a nível pessoal e relacional. Portanto, tendo em conta todas noções discutidas anteriormente: quando associadas ao facto de só terem tido um companheiro sexual e quando confrontadas com a possibilidade de terem relações sexuais, algumas participantes referem que não querem e que já não têm idade para esse tipo de intimidade.

Da análise dos dados, é interessante notar que, algumas participantes verbalizam arrependimento em não ter tido relações sexuais mais vezes com os seus maridos/parceiros.

“Porque era padeiro e tralhava de noite. Não dormia comigo, só ao sábado é que ele dormia comigo. E durante o dia, mas era uma coisa que eu não gostava de fazer. E isso pronto, mas para lhe fazer a vontade, muitas vezes, não lhe fazia a vontade. E hoje estou arrependida, em não lhe ter feito a vontade.” (P13)

A intimidade sexual, por sua vez, surge associada à juventude enquanto que a intimidade na idade sénior ou a concepção de intimidade desvia-se da componente sexual, dando lugar à componente afetiva. Esta última componente, estabelece uma prioridade entre a troca de carícias e a dimensão relacional: estar com alguém pela companhia do outro. *“Isso é quando a gente... Pois quando a gente somos novas e gostam um do outro e assim... Acho que sim...” (P3)*

As questões associadas ao envelhecimento serão discutidas no domínio/dimensão do envelhecimento.

3.4. Manifestação do Duplo Padrão Sexual

O desequilíbrio entre as questões de género, associadas à sexualidade provoca uma desigualdade sexual entre homens e mulheres. Primeiramente, na necessidade de obtenção de prazer e gratificação sexual e segundo, associado a representações próprias de cada pessoa e às representações gerais da sociedade. As representações próprias têm por base as diferentes experiências e significados extraídos dessas experiências, enquanto que as representações gerais da sociedade preconizam uma disparidade visível entre homens e mulheres. *“Ela pode não querer, mas se ele quer... olha, tem de se sujeitar.”* (P11)

Nesta amostra, é evidente a presença dos discursos que potencializam e caracterizam o duplo padrão sexual. Desde a própria submissão relatada das participantes até às crenças enraizadas, presentes nas críticas e julgamentos perante as situações apresentadas nas vinhetas.

De facto, e como tem sido referido, ao homem é dada uma soberania no campo da sexualidade onde, para este género o desejo em ter relações sexuais é encarado como uma necessidade. *“Hmmm, os homens, querem, querem sempre mais que as mulheres...”* (P6)

Sempre que a mulher tem a iniciativa ou adota uma postura permissiva, desafiando esta posição do homem, é desvalorizada/estigmatizada. *“Ela é mais maluca que ele.”* (P5); *“Ele tem 75? Coitadinho do pobre. Dá-lhe um bocado de veneno, ele vai-se embora e ela fica com o dinheiro.”* (P12)

Estes discursos perante a permissividade que uma mulher deve adotar são altamente influenciados pelo contexto histórico em que estas participantes cresceram/tiveram espaço para experienciar a sua sexualidade. Viveram numa época em que as mulheres que tinham a iniciativa de convidar os homens eram conotadas negativamente pela sociedade, pelo que aqui acresce também o peso da desejabilidade social, viver em função da opinião e medo do julgamento do outro. Contudo, e apesar destas questões envolverem uma série de pontos que merecem ser explorados mais exaustivamente, característicos da época histórica, surge a importância do casamento e relação sexual depois deste.

Nos dias de hoje, a opinião pessoal continua a ser influenciada pelos *media*/meios de comunicação social que parecem transmitir todo o tipo de conteúdos. As pessoas idosas que passam o seu tempo em casa, acabam por ter os programas

televisivos como companhia e constroem significados e novas percepções acerca da sociedade atual. *“Qualquer... Encontram-se e coiso e já vão... É logo (...) Pelo menos é o que se vê na televisão”* (P2); *“No nosso tempo era de outra maneira... Agora vai-se este embora e arranjam outro e vai aquele embora e já tem outro... eu não engraço...”* (P3)

Os discursos das participantes, sobre os padrões sexuais atuais, indicam que hoje em dia, a atividade sexual é completamente banalizada e que pode acontecer sem constrangimentos. Apesar de manterem uma posição de não concordância com determinadas condutas nos dias de hoje verifica-se que grande parte das participantes compreende a mudança de pensamento da sociedade relativamente a estas questões, pelo que não se verifica uma estigmatização completa do papel permissivo que a mulher pode assumir. Verifica-se, portanto, uma rejeição própria por parte das participantes e a compreensão de que determinados comportamentos são aceitáveis para o outro, mas não para a participante. *“É igual, tanto ser homem ou ser mulher é igual, tanto faz...”* (P4).

3.5. Crenças e Atitudes: Sexualidade e Duplo Padrão Sexual

Como tem sido dito, ao longo do estudo e fruto da análise dos dados, as mulheres participantes relatam que sempre mantiveram e ainda hoje mantêm, atitudes submissas perante a sexualidade. Esta característica não permite que se desenvolva permissividade no quotidiano destas participantes. *“Eu acho, eu acho que devia ser ele a ser assim, a procurar...”* (P4); *“Exatamente, os homens são mais, são mais atrevidos...”* (P4)

As crenças enraizadas influenciaram e ainda influenciam as atitudes destas mulheres perante a sua própria vida e outras situações que acontecem na vida dos outros.

A crença na religião, no papel tradicional da mulher, no sentimento de pertença e a preservação da ideia de que amor há um durante toda a vida, são alguns dos aspetos que têm sido mencionados no decorrer desta análise.

É de salientar que a conceptualização da sexualidade, apesar de possuir um constructo definido, encerra em si também uma vivência pessoal que o faz alternar de pessoa para pessoa. A vivência da sexualidade é então influenciada não só por experiências e subjetividades pessoais, mas integra ainda uma dimensão importante que é construída e moldada pelo contexto e momento sócio-histórico da sociedade em que

vivemos. Construção esta que se expressa através da construção de sentidos e significados próprios, partilhados, e pela forma como colocamos estas percepções em prática.

Nesta amostra, é perceptível a influência do ambiente, na construção e vivência destes significados associados à sexualidade, seja através da interacção entre pessoas idosas e cuidadores - nos lares e centros de dia - ou através da influência da família.

Para as participantes que têm conhecidos ou familiares mais novos (filhos, netos, bisnetos, sobrinhos) nota-se a expressão de um pensamento “moderno” – contrariamente ao tradicionalista – que reconhece e aceita que a sociedade assumiu diferentes formas, desde o seu tempo. *“Oh isso era antigamente. Agora não (...). Hoje as cachopas novas têm uma liberdade que a gente nunca teve amor! E fazem muito bem, o tempo passa a gente fica a ver navios.”* (P7)

Verifica-se que a construção de sentidos e significados, acerca da forma como se experiencia a sexualidade actualmente, é frequentemente baseada nas experiências e da partilha de opinião dos outros que constituem a rede de apoio que rodeia as participantes.

Em suma, a subjectividade da sexualidade, supracitada, compreende representações da sociedade e significados próprios dos indivíduos, acerca da sua própria experiencia presente e passada e, engloba ainda, as representações extraídas das experiencias dos outros/do meio ambiente que as rodeia.

3.6. Dinâmicas associadas ao envelhecimento

Da análise dos dados, surgiu o tema do envelhecimento, representativo da fase da vida que as participantes estão a viver.

Tendo em conta o sentido lato da palavra, o envelhecimento engloba uma série de questões associadas a ambos os sexos. Para o homem e para a mulher, verifica-se a problemática, ou não problemática (dependendo de cada pessoa), associada à modificação corporal e ao surgimento de limitações físicas, muitas vezes acompanhadas por doenças.

Do ponto de vista biológico, a componente da sexualidade modifica-se de forma diferente para ambos os sexos, sendo que ao homem é directamente estabelecida uma associação entre a limitação biológica associada ao desempenho sexual, enquanto que

na mulher a modificação do seu corpo, parece causar um maior impacto. *“O homem coitado, só usando viagra, não usando viagra, aquilo morre.”* (P14)

Todas estas questões levam ao surgimento do desinteresse sexual, associado ao envelhecimento. Segundo Fowler e companheiros (1982, citado em Covey, 1989), uma boa quantidade de literatura discutida antes do século dezanove, assumia a indiferença sexual para ambos os sexos. Outros estudos indicam ainda que as pessoas idosas têm sido identificadas como seres assexuados (Sommers, 1978, citado em Covey, 1989).

Apesar destes estudos, e haver narrativas presentes neste estudo, de ir no sentido de uma abstinência e desinteresse, a literatura atual tem vindo a combater algumas destas noções. Como exemplo disso, neste mesmo estudo, algumas participantes afastam-se deste pensamento negativo e encorajam a relação sexual na velhice. *“Não o ia trocar por outra (...) porque o amor não tem idade.”* (P1)

De fato, a presença do sentimento de amor e o experienciar de uma sexualidade natural são componentes importantes para a terceira idade. Antes de mais, é importante mencionar que o amor e a expressão do desejo não devem ser categorizados segundo faixas etárias. A expressão destas sensações deve ser encorajada no processo de envelhecimento, uma vez que é um momento onde se deve privilegiar uma aceitação positiva do próprio corpo, da autoestima, de expressão de sentimentos positivos e representativos de bem-estar.

Através da análise dos dados, neste domínio associado ao envelhecimento, verifica-se igualmente uma preferência pela componente afetiva em detrimento da componente sexual, associada à juventude.

Durante o decorrer da entrevista, foi frequente a questão das participantes acerca das idades das personagens. A análise permite determinar que, para as participantes que não concordam com relacionamentos na idade sénior, a partir dos 70 anos, transmitindo a ideia de que as pessoas idosas devem ficar por aquilo que conhecem e não se envolver em “aventuras”. Há, portanto, uma noção fixa de acomodação à situação em que se vive. *“Não, a gente com esta idade? Não, não...”* (P3); *“Ah, ele não precisava de procurar outra pessoa, precisava era de tratar da vida dele e mais nada...”* (P5)

Para as participantes que concordam com o relacionamento na idade sénior, seja por companhia ou mesmo pelo prazer, existe a noção de que não há idade para amar, permitindo assim comportamentos permissivos por parte de homens e mulheres. *“Que ele gosta, que eu gosto, que gostamos um do outro, e assim. Mas ele nem diz que não*

gosta, nem eu gosto, nem nunca lhe disse que gosto. (...). Eu gosto, pronto, a gente dá-se bem mas cada um no seu lado.” (P9)

Neste estudo, a maior parte da amostra, considera ser normal os/as idosos/as conhecerem-se em instituições e concordam que se criem amizades entre homens e mulheres. *“Não, houve uma senhora e um senhor que se casaram aqui. E uma vez ela veio cá e diz que estava muito feliz e para a gente, não é? Uma colega sentir-se feliz é muito bom.” (P14)*

Uma questão que já foi mencionada nas outras dimensões, e que se repete nesta dimensão, é a viuvez, realidade em que as participantes deste estudo vivem. Os discursos apontam para uma privação do experienciar de uma sexualidade nesta faixa etária. Os sentimentos que estão associados à viuvez, de pesar, lamentar, saudade, amor eterno ao marido e à união que o casal vivia, são aspetos que não permitem a formação de um novo relacionamento. Se houvesse oportunidade para relacionar-se com alguém, as participantes relatam que seria como uma traição, o estar com outro homem a pensar no falecido marido, por quem verdadeiramente nutriram amor.

Em suma, as dinâmicas associadas ao envelhecimento, as crenças e atitudes são representativas da experiência pessoal e relacional passada. Para umas participantes (P3, P11, P17), a ideia de relacionamento “morreu” juntamente com o marido, assumindo uma conotação negativa. Verbalizam também, que não querem mais ninguém na vida e associam ao facto de já serem idosas e não terem idade para relacionamentos. Para as participantes que adotam uma visão positiva e favorável acerca do relacionamento na idade sénior, existe a ideia de que ter alguém que gosta delas, com aquela idade, é realmente uma sensação indescritível. Embora a base do relacionamento possa ser pelo facto de fazerem companhia um ao outro, terá de haver sempre o carinho, o cuidado e a preocupação de ter alguém ao lado delas e isso faz com que se alimente uma sensação de bem-estar que proporciona qualidade de vida.

“Para mim não... porque eu, eu gostava muito de nos estarmos, era como se estivéssemos casados (...) E então, eu gostava muito de ver a televisão e ele antes vinha assim como quem queria brincadeira e depois dormia. Mas eu queria e dizia: espera aí, que deixa-me ver isto, e assim (...) e tantas vezes eu lhe disse isso que ele acabou por adormecer. Ele dormia, dormia e eu via o programa que queria e depois... e quando queria eu, ele não queria porque estava com sono.” (P4)

3.7. Considerações gerais

Esta investigação teve como objetivo principal, o estabelecimento de uma ligação entre as atitudes e crenças, associadas ao duplo padrão sexual, presentes no envelhecimento. Para tal, foram entrevistadas mulheres com idades compreendidas entre os 65 e os 90 anos, com o intuito de analisar quais as suas experiências, percepções e construção de significados construídos à volta do duplo padrão sexual, tendo como base a sexualidade e o próprio envelhecimento.

Através dos resultados das narrativas das participantes, foi possível extrair 6 temas principais: *Sentimentos perante a Sexualidade, Exploração da Relação Eu-Outro, Intimidade do Ponto de Vista Sénior, Manifestação do Duplo Padrão Sexual, Crenças e Atitudes: Sexualidade e Duplo Padrão Sexual, Dinâmicas associadas ao Envelhecimento.*

Estes temas são representativos da perspetiva pessoal de cada participante, associada às vivências e representações que foram criadas ao longo da vida e que ainda hoje são orientadoras da forma de pensar e agir.

De uma forma geral, a sexualidade assume um carácter direto com a relação sexual propriamente dita. Quando se falou em sexualidade, o pensamento das participantes foi direcionado para o ato sexual em si, esquecendo que a sexualidade engloba outras dimensões abstratas, como a afetividade, por exemplo.

No domínio propriamente dito da relação sexual, o sentimento de amor, e por ventura a amizade, surgem frequentemente. Desta forma, a relação sexual, não está de forma alguma, associada ao prazer, mas sim à pré-existência do sentimento de amor. A noção de amor, muitas vezes é personificada e dá origem a discursos que singularizam um só amor para a toda a vida. Estes dados vão de encontro aos estudos de Moura e colaboradores (1998), representando a necessidade de se experienciar a sexualidade, englobando a componente afetiva e relacional sexual. Este tipo de discurso está presente em participantes que são viúvas, e que quando confrontadas com a possibilidade de voltarem a apaixonar-se, surge a importância que o marido/companheiro desempenhou na vida das participantes, não havendo lugar para outra pessoa.

Uma característica que surge frequentemente, e associada a este sentimento de amor, é o casamento. A ideia de que o ato sexual e manifestação de comportamentos íntimos só tem lugar depois do casamento. Estas falas são características do contexto

histórico, tradicionalista, estigmatizado e religioso, que as participantes vivenciaram/experienciaram a sua sexualidade. De facto, a religião assume um papel preponderante neste estudo e quase como que “orienta” as crenças e comportamentos de determinadas participantes. Estas noções dão origem ao papel tradicionalista da mulher. A mulher ocupava uma posição neutra e submissa perante estas questões associadas ao relacionamento.

É importante acrescentar que esta realidade é representativa da amostra deste estudo e que é perfeitamente normal que outras pessoas tenham tido experiências completamente diferentes. Aliás as participantes mencionam que apesar do pensamento da época ser tradicionalista, já haviam mulheres a convidar homens para sair, relações sexuais e filhos antes do casamento e mães solteiras, aspetos que eram condenados socialmente, mas que mesmo assim, desafiando as normas, já se verificavam.

No decorrer da entrevista, na apresentação das situações das vinhetas, sempre que a mulher tinha a iniciativa ou apresentava comportamentos permissivos, as participantes assumiam uma posição de estigmatização e desvalorização da mulher, sendo frequentemente catalogada como “tola”.

No domínio sexual, era o dever da mulher, ter relações sexuais com o homem/marido. Esta noção de dever, acarreta também uma responsabilidade acrescida para a mulher, que muitas vezes se sentia obrigada a ter relações sexuais, não “negando” o ato sexual. A grande maioria das participantes refere que nunca teve interesse pela atividade sexual. Por este motivo, referem que o sexo é importante na vida do casal, para satisfazer as necessidades do homem, mas não representado uma necessidade para elas. As narrativas em análise indicam que há uma desvalorização das necessidades sexuais femininas em detrimento das necessidades sexuais masculinas.

Estes enviesamentos verificam-se, quando as participantes são questionadas acerca da noção de que a relação sexual poderá ser a forma de comunicação mais próxima entre duas pessoas, pelo que as respostas são afirmativas. Esta ideia acaba por ser um pouco contraditória, porque a generalidade das participantes tinha relações sexuais, única e exclusivamente pela satisfação do marido/companheiro. Atualmente é possível identificar, através do próprio discurso das participantes, que existe uma repulsa pela atividade sexual.

No domínio do envelhecimento, estas crenças assumem outras proporções. Por um lado, o conceito de sexualidade associado exclusivamente à juventude e por outro lado, a idade como um fator inapto para experienciar a sexualidade.

Os constrangimentos, verbalizados, associados à limitação da atividade sexual na idade sénior, aparentam estar relacionados com a impossibilidade biológica do homem – impotência – ao passo que as mulheres conseguem ter relações sexuais, não estando diretamente associadas a esta noção de impotência sexual.

A maior parte das participantes é viúva e assume uma ligação emocional com o falecido marido/companheiro. A ideia de construir um novo relacionamento é muitas vezes representada como sendo uma “ofensa” à alma do marido, como se fosse sinal de desrespeito. A esta noção de novo relacionamento, está igualmente associado o sentimento de vergonha em mostrar o seu próprio corpo para outra pessoa. A preservação da intimidade corporal está muito presente nos discursos das participantes. Estes dados são representativos da realidade portuguesa, apresentada no estudo de Queiroga (2015):

“Face à possibilidade de reconstruir a sua vida amorosa, a maioria das participantes demonstra uma recusa austera, que é justificada pela fidelidade aos seus cônjuges, pela vergonha de dividir vida com um homem “desconhecido” e pela liberdade de decisão e ação que adquiriram e não querem voltar a perder” (p.40)

À ideia de estabelecer um novo relacionamento, na idade sénior, está associada a necessidade de ter alguém para fazer companhia e para passar o tempo. O envelhecimento é retratado como uma etapa de vida, em que as pessoas já não têm capacidade para cuidar de si próprias, muito menos dos seus companheiros. Neste sentido, as participantes (P5, P3) referem que é melhor ficar acomodada à realidade que já conhecem, viver sozinhas sem preocupações, ao invés de experienciar entraves no relacionamento com outras pessoas (limitações corporais, doenças, envolvimento da família). A amizade entre pessoas idosas ambos os sexos, é favorável, mas mais do que isso, é referido como não sendo aconselhável.

Quanto à influência da família, na tomada de decisão perante um potencial relacionamento, a grande maioria das participantes tem em conta a individualidade e identidade da pessoa idosa, encorajando a que as decisões devem ser tomadas pela pessoa em questão e não pela influência dos familiares. Esta noção retrata a sensação de controlo que estas participantes ainda têm/e querem ter sobre a sua vida, exteriorizando que, tal como as personagens das vinhetas, ainda estão aptas para tomar decisões.

As mudanças corporais, próprias do processo de envelhecimento são igualmente alvo de análise, com o intuito de se verificar até que ponto é que essas mudanças influenciam e condicionam a autoestima das participantes. Os dados, indicam que no geral, as participantes encaram o envelhecimento como um processo natural, não assumindo uma influência determinante na vida conjugal/relacional. Desta forma, não demonstraram possuir constrangimentos exagerados acerca do processo de envelhecimento.

Algumas participantes (entre duas a três), mencionam que a mudança corporal mais notória é evidente na face, por ser uma zona alvo de visualização todos os dias (ao espelho) e acrescentam ainda o aparecimento de limitações físicas que muitas vezes condicionam a locomoção ou a visão. Por outro lado, se uma mulher tiver algum constrangimento com a sua aparência é mais provável que o homem procure outra companheira, do que ao contrário, por exemplo.

Em conclusão, os discursos das participantes apontam para uma aceitação do duplo padrão sexual, na medida em que a mulher tem de ser submissa ao homem, diminuindo assim a permissividade sexual na mulher. Neste estudo, e de acordo com a literatura de Crawford e Popp (2003), o duplo padrão sexual é acentuado nas vinhetas em que as personagens alvo são femininas, séniores, e solteiras ou viúvas, o que indica que realmente que o duplo padrão sexual é influenciado pela idade do alvo e nível da relação. Acredita-se que esta associação é feita, de acordo com as representações que vão de encontro à diversidade de experiências passadas. Verifica-se também que existe a noção de que o homem é privilegiado em detrimento da mulher.

Quanto ao impacto da troca de termos de “relação sexual” para “sexo”, importa acrescentar que não se verificou constrangimentos associados ao uso do segundo conceito. As participantes referem-se ao ato sexual como “relações” e “sexo” propriamente dito.

Assim, um maior grau de aceitação do duplo padrão sexual, está associado a uma menor permissividade, apesar de se verificar que as participantes que adotam uma postura de aceitação perante atitudes promíscuas/permissivas para outras pessoas, não mantém a mesma opinião para si próprias. Aqui é notório a mudança de pensamento que a literatura tem desenvolvido nos últimos anos, o duplo padrão sexual ainda é visível, alta permissividade estigmatizada no feminino, mas tem apresentado algumas modificações (Bordini & Superb, 2012).

Conclusão

O tema da sexualidade no envelhecimento deve ser encarado com normalidade. Esta investigação surgiu com o propósito de desmistificar algumas crenças e enviesamentos, numa amostra de mulheres séniores perante a aceitação ou recusa do duplo padrão sexual. No âmbito da análise dos dados, é perceptível que a forma como as participantes percebem estas questões, influenciou e ainda influencia a forma como se constrói significados, numa realidade atual, completamente diferente da realidade que estas participantes experienciaram.

Todo este processo, culminou numa experiência gratificante e enriquecedora, desde o recolher dos testemunhos das participantes, na primeira pessoa, até à exploração pormenorizada dos discursos que retratam a influência dos diferentes contextos, na forma como se vive e experiencia a sexualidade.

É legítimo afirmar que, neste estudo, apesar de serem notórios discursos que instigam atitudes e crenças idadistas e potencializadoras do duplo padrão sexual, é de louvar a aceitação verbalizada pelas participantes para o comportamento do *Outro*. Embora não aceitem determinadas condutas para si próprias, aceitam e compreendem que os outros queiram adotar essas mesmas condutas. Esta aceitação é representativa da mudança de pensamento das gerações passadas, necessária para acompanhar as gerações do presente e do futuro.

Considera-se ser importante sensibilizar as gerações futuras acerca da própria definição da sexualidade. É um conceito que engloba várias dimensões e manifesta-se de forma diferente em cada pessoa e em várias faixas etárias.

No envelhecimento, a vivência de uma sexualidade plena, associada ao amor, é encarada como uma forma de nutrir sentimentos afetuosos e carinhosos para com o outro. É uma fase da vida, em que deve ser privilegiada sensação de bem-estar, autoestima e uma qualidade de vida digna.

A forma como a sociedade estigmatiza a pessoa idosa, impossibilita a vivência natural da sexualidade, provocando enviesamentos sociais e na própria pessoa idosa, que sente necessidade de reprimir as suas necessidades e desejos. Estas privações desencadeiam pensamentos negativos e solitários acerca do próprio processo de envelhecimento. É contra estas construções e enviesamentos que se pretende atuar, desenvolvendo estudos que representem a realidade das participantes.

No diz respeito às limitações da investigação, assinala-se a dificuldade em recrutar participantes séniores para um estudo com teor sexual/ base sexual e a sensibilidade associada ao próprio tema da sexualidade. Por forma a obter uma amostra concisa, contactou-se várias instituições para a colaboração na investigação. As respostas positivas foram muito poucas, e algumas das outras respostas indicam que o tema da sexualidade ainda é um tabu para os próprios cuidadores formais, e entidades envolvidas com os/as idosos/as, o que induz a ideia de que se a própria instituição não aceita/aborda o tema, é expectável que determinadas crenças e enviesamentos não se modifiquem.

Felizmente, não é uma realidade fixa e realmente existem instituições que abordam o tema da sexualidade com a pessoa idosa, no quotidiano, desenvolvendo dinâmicas para abordar situações representativas das mais variadas questões.

Quanto à necessidade de se desenvolver estudos futuros, sugere-se a exploração das próprias atitudes e crenças dos cuidadores formais e informais, acerca da sexualidade na idade sénior. O desenvolvimento de literatura neste sentido, poderá ser benéfico para a desmistificação de constructos, que nos dias de hoje simbolizam e atuam como barreiras para a expressão da sexualidade nesta faixa etária.

Referências Bibliográficas

- Agreda, J. (1999). Passado, presente e futuro da Enfermagem Gerontológica. In, M. A. Costa, J. Agreda, J. Ermida, M. Cordeiro, M., Almeida, D. Cabete, et al, (ed). *Idoso: Problemas e Realidades* (pp.23-40). Coimbra: Formasau.
- Aira M., Kauhanen J., Larivaara P., & Rautio P. (2003). Factors influencing inquiry about patients' alcohol consumption by primary health care physicians: qualitative semi-structured interview study. *Family Practice*, 20, 270–275.
- Allan, K. (2008). Values and diversity in working with older people. In R.Woods, & L.Clare (Eds.). *Handbook of the clinical psychology of ageing*, (2nd ed., pp. 237-254). London: Willey
- Arluke, A., Levin, J., & Suchwalko, J. (1984). Sexuality and Romance in Advice Books for the Elderly. *The Gerontologist*, 24(4), 415–419. doi: 10.1093/geront/24.4.415
- Benda, B. B., & Corwyn, R. F. (1998). Testing theoretical elements as predictors of sexual behavior by race among rural adolescents residing in AFDC families. *Social work research*, 22(2), 75-88.
- Butler, R. N. (1969). Age-ism: Another form of bigotry. *The Gerontologist*, 9, 243-246.
- Braun, V. & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3 (2), 77-101.
- Braun, V. & Clarke, V. (2013). *Successful qualitative research – a practical guide for beginners*. Los Angeles, London, New Delhi, Singapore, Washington DC: SAGE Publication
- Byno, L., Mullis, R., & Mullis, A. (2009). Sexual Behavior, Sexual Knowledge, and Sexual Attitudes of Emerging Adult Women: Implications for Working With Families. *Journal Of Family Social Work*, 12(4), 309-322. doi:10.1080/10522150903030162
- Carneiro, R. (2012). *O Envelhecimento da População: Dependência, Ativação e Qualidade – Relatório Final*. Lisboa: Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa/Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Católica Portuguesa.
- Christensen, H. T. & Carpenter, G. R. (1962). Value-behavior discrepancies regarding premarital coitus in three Western cultures. *American Sociological Review*, 27, 66-74. doi: 10.2307/2089719.

- Costa, M. A. M. (1999). Questões demográficas: repercussões nos cuidados de saúde e na formação dos enfermeiros. In, M. A. Costa, J. Agreda, J. Ermida, M. Cordeiro, M., Almeida, D. Cabete, et al, *O Idoso – problemas e realidades* (pp. 7-21). Coimbra: Editora Formasau.
- Crawford, M. & Popp, D. (2003). Sexual double standards: A review and methodological critique of decades of research. *Journal of Sex Research*, 40(1), 13–26. doi: 10.1080/00224490309552163
- Covey, H. C. (1989). Perceptions and attitudes toward sexuality of the elderly during the Middle Ages, *Gerontologist*, 29(1), 93-100.
- Freud, S. (1925). Um caso de Histeria, Três Ensaio sobre a Sexualidade e outros trabalhos (1901-1905). *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, 3. Imago. Disponível online em: <http://conexoesclinicas.com.br/wp-content/uploads/2015/01/freud-sigmund-obras-completas-imago-vol-07-1901-1905.pdf>
- Fontanella, B. J. B., Ricas, J., & Turato, E. R. (2008) Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. *Cadernos de Saúde Pública*, 24(1), 17-27.
- Foucault, M. (1988). *História da Sexualidade*. Rio de Janeiro: Graal
- Ginsberg, T. B., Pomerantz, C. S., & Kramer-Feeley, V. (2005). Sexuality in older adults: behaviours and preferences. *Age and Ageing*, (34), 475-480. doi: 10.1093/ageing/afi143.
- Gorman, M. (1999). Development and the rights of older people. In, J. Randel et al., (Eds). *The ageing and development report: poverty, independence and the world's older people* (pp. 3-21). London: Earthscan Publications Ltd.
- Hendrick, S. & Hendrick, C. (1987). Multidimensionality of sexual attitudes. *The Journal of Sex Research*, 23 (4), 502-526.
- Instituto Nacional de Estatística. (2015). *Anuário Estatístico de Portugal. Edição 2015*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística.
- Liao, P. & Tu, S. (2006). Examining the Scalability of Intimacy Permissiveness in Taiwan. *Social Indicators Research*, 76(2), 207-232. doi:10.1007/s11205-004-5683-9
- Macnicol, J. (2006). *Age discrimination: An historical and contemporary analysis*. Cambridge: Cambridge University Press.

- Magalhães, C. (2003). *Representação Social da Velhice em Enfermeiros*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Social, Universidade Fernando Pessoa, Porto, Portugal.
- Magalhães, C., Antão, C., Anes, E., & Fernandes, A. (2009). Idadismo. *Congresso O Doente Crónico E A Saúde Comunitária*, 1-3. Acedido em: <http://hdl.handle.net/10198/4247>
- Marks, M. J. & Fraley, R. C. (2006). Confirmation bias and the sexual double standard. *Sex Roles*, 54 (1-2), 19–26. doi: 10.1007/s11199-006-8866-9
- Marks, M. J. & Fraley, R. C. (2007). The impact of social interaction on the sexual double standard. *Social Influence*, 2(1), 29–54. doi: [10.1080/15534510601154413](https://doi.org/10.1080/15534510601154413)
- Marques, S. (2011). *Discriminação da Terceira Idade*. Lisboa: FFMS
- Moura, I., Leite, M., & Hildebrandt, L. M. (2008). Idosos e sua perceção acerca da sexualidade na velhice. *Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano*, 5(2), 132-140.
- Nazareth, J. M. (2009). *Demografia: A ciência da População*. (3ª Ed.). Lisboa: Editorial Presença.
- Nobre, P. (2006). *Disfunções sexuais. Contributos para a Construção de um Modelo Compreensivo Baseado na Teoria Cognitiva*. Tese de Doutoramento em Psicologia (Especialidade em Psicologia Clínica), Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal. Acedido em: https://sigarra.up.pt/fpceup/pt/PUB_GERAL.PUB_VIEW?pi_pub_base_id=30269
- Organização Mundial da Saúde. (2015). *Relatório Mundial de Envelhecimento e Saúde*. Acedido em: http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/186468/6/WHO_FWC_ALC_15.01_por.pdf?ua=1
- Paschoal, S. M. P. (1999). Epidemiologia do envelhecimento. In, M. P. Netto, *Gerontologia – a velhice e o envelhecimento em visão globalizada* (pp. 26-43). São Paulo: Editora Atheneu.
- Paúl, C. (2005). Envelhecimento ativo e redes de suporte social. *Sociologia*, 15, 275-287.
- Paúl, C., Fonseca, A. (2005). *Envelhecer em Portugal*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Paúl, C. & Ribeiro, Ó. (2012). *Manual de Gerontologia. Aspetos biocomportamentais, psicológicos e sociais do envelhecimento*. Lisboa-Porto: Editora Lidel.
- Palmore, E. (2001). The Ageism Survey: First findings. *The Gerontologist*, 41, 572-575. doi:10.1093/geront/41.5.572

- Ramos, V., Carvalho, C., & Leal, I. (2005). Atitudes e comportamentos sexuais de mulheres universitárias: A hipótese do duplo padrão sexual [University women's sexual attitudes and behaviors: The sexual double standard hypothesis]. *Análise Psicológica*, 23(2), 173–185.
- Queiroga, S. (2015). *Percepções e Vivências Sexuais de Mulheres Portuguesas com mais de 65 anos – O redescobrir da intimidade ou a libertação de uma obrigação?*. Dissertação de Mestrado, Universidade do Porto, Porto, Portugal.
- Reeve, C. (2004). Plato on Friendship and Eros. In, Edward N. Zalta (ed.), *The Stanford Encyclopedia of Philosophy* (Summer 2016 Edition). Acedido em: <http://plato.stanford.edu/entries/plato-friendship/>
- Reiss, I. L. (1956). The Double Standard in Premarital Sexual Intercourse. A neglected Concept. *Social Force*, 34, 224-230.
- Reiss, I. L. (1964a). Premarital sexual permissiveness among Negroes and Whites. *American Sociological Review*, 29, 688–698.
- Reiss, I. L. (1964b). The scaling of premarital sexual permissiveness. *Journal of Marriage and the Family*, 26, 188-198.
- Sagebin Bordini, G. & Sperb, T. (2012). Sexual Double Standard: A Review of the Literature Between 2001 and 2010. *Sexuality & Culture*, 17(4), 686-704. doi: 10.1007/s.12119-012-9163-0
- Serrão, D. (2006). Sêniiores: um novo estrato social. In, P. Frassinetti (Ed.) *Intervenção social. Saberes e contextos* (pp. 129-137) Porto: Escola Superior de Educação Porto.
- Shackelford, T. K. & Buss, D. M. (2000). Marital satisfaction and spousal cost-infliction. *Personality and Individual Differences*, 28(5), 917-928.
- Strauss, A. & Corbin, J. (1990). *Basics of qualitative research: Grounded theory procedures and techniques*. Newbury Park, CA: Sage Publications, Inc.
- Vieira, W. (1994). *Enciclopédia da Conscienciologia*. Rio de Janeiro: Instituto Internacional de Projeciologia Editores.
- World Health Organization. (2002). *Active Ageing: a Policy Framework*. Geneva: World Health Organization. Acedido em: http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/67215/1/WHO_NMH_NPH_02.8.pdf
- Wilcox, S. (1997). Age and gender in relation to body attitudes: Is there a double standard of aging?. *Psychology of Women Quarterly*, 21(4), 549-565.

Anexos

Anexo 1. Guião da entrevista

ID: _____

Idade: _____

Estado Civil: _____

Zona de Residência: Rural ☐ Urbano ☐

A. O questionário seguidamente apresentado é anónimo e confidencial, destinando-se a uma investigação em curso na Universidade do Porto. Peço por isso, para responder o mais sinceramente possível.

Brief Sexual Attitudes Scale (Hendrick & Hendrick, 1987)¹

Para cada citação:

A = Concordo fortemente com citação

B = Concordo moderadamente com a citação

C = Neutro – Nem concordo nem discordo

D = Discordo moderadamente com a citação

E = Discordo Fortemente com a citação

1. Eu não preciso de estar comprometido com alguém para ter relações sexuais com ele/ela.
2. A relação sexual casual é aceitável.
3. Eu quero ter relações sexuais com muitos parceiros.
4. Encontros de uma só noite, às vezes, são muito agradáveis/gratificantes.
5. É aceitável ter uma relação sexual com mais de uma pessoa de uma só vez.
6. A relação sexual como uma simples troca de favores é aceitável se as duas pessoas estão de acordo.
7. O melhor sexo é sem compromissos.

¹ Tradução para Língua Portuguesa efetuada pela Equipa de Investigação.

A Rosa passa muito tempo sozinha em casa, pois arranja sempre qualquer coisa para fazer. Ultimamente tem ido lanchar a uma padaria/café. Conheceu duas senhoras da mesma idade, a Clara e a Maria, ambas casadas, e um outro senhor, o João, divorciado com 75 anos de idade.

Depois de uns meses de conversa e cumplicidade, a Rosa, convidou o João para um almoço de família. O João confessa gostar da companhia da Rosa e aceita.

No decorrer do almoço, a Rosa percebe que os seus sobrinhos acham que ela já não tem idade para relacionamentos. O que deve a Rosa fazer?

2.

O Rui tem 65 anos. Foi juiz durante toda a sua vida, mas quis reformar-se cedo. É viúvo, a sua mulher morreu há cerca de 10 anos. Atualmente vive com o seu filho Carlos de 40 anos.

O Rui passa muito tempo no clube de golfe perto de sua casa e costuma reunir com os seus colegas de profissão. Todos eles são casados e incentivam o Rui a procurar alguém que lhe faça companhia. O Rui inscrever-me num site de encontros na internet e conheceu uma senhora. Depois de alguns meses de conversa, a senhora decide convidar o Rui para sair. O que acha que deve acontecer nesta situação?

3.

A Maria, de 75 anos e o Carlos, de 80 anos, são casados há 50 anos. A Maria diz ao Carlos que quer ter relações sexuais mais vezes, mas o Carlos diz já são muito velhos para isso. Que acha desta situação?

4.

A Mariana, de 49 anos, e o Cláudio de 52 anos, são namorados. Depois de algumas semanas de namoro, a Mariana manifesta o seu desejo em ter relações sexuais com o Cláudio. Este prefere apostar nas demonstrações de carinho, amor e cumplicidade antes de passar para outra fase. Que acha desta situação?

5.

A Carla tem 68 anos, é solteira e frequenta o centro de dia da sua freguesia. O centro de dia desenvolve muitas atividades para manter as pessoas ativas e bem-dispostas. A Carla conheceu o Paulo de 65 anos e solteiro e, simpatizou com ele. Depois de alguns meses de interesse um pelo outro, a Carla e o Paulo tiveram relações sexuais. O Paulo quer assumir uma relação, mas a Carla diz que o sexo sem compromissos é o melhor; além disso usam preservativo... Que acha desta situação?

6.

A Rute tem 70 anos e o seu marido, José de 73 anos são casados há 50 anos. Sempre mantiveram uma relação saudável de amor e companheirismo. Nos últimos anos o José queixa-se da sua aparência, diz que envelheceu muito e tem alguma vergonha do seu corpo. Costuma dizer em jeito de brincadeira que qualquer dia, a Rute troca-o por alguém mais novo. Que acha desta situação?

Anexo 2. Termo de Consentimento Informado

Termo de Consentimento Informado

Porto, DATA

Eu, abaixo assinado, testemunho que fui convidada a participar na entrevista conduzida por Celina Natacha Aveiro Vieira, no âmbito da Dissertação de Mestrado Integrado Em Psicologia da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, e aceito voluntariamente o convite.

Confirmo ainda que o propósito da entrevista me foi explicado, escolhi continuar a minha participação e que me foi claramente esclarecido que tenho o direito de interromper ou recusar continuar a qualquer momento do procedimento.

Eu _____, concordei ainda, com a captação gravada do som para posterior transcrição, integral ou parcial, em formato de texto no âmbito exclusivo da investigação em curso.

Fui ainda informada de que todas as informações obtidas são confidenciais, sendo mantido o anonimato das participantes durante todo o processo. Os resultados obtidos serão codificados e utilizados exclusivamente para os fins desta investigação.

Participante: _____

Investigadora: _____

Anexo 3. Apresentação de temas e exemplos de códigos

1. Sentimentos Perante a Sexualidade

Amor

“Não... Para mim é... É preciso ter amor, e viver naquele momento...” (P2)

“A gente tem amor é ao nosso marido, agora isso...” P(11)

“Na minha opinião, não tinha relações com essa pessoa, tenho de gostar. Se arranjar outra...” (P7)

“Eu acho que sim. Sem amor, não se faz nada.” (P9)

Amizade

“E desde esse dia até hoje, ele nunca se deitou na cama, sem me dizer, até amanhã se deus quiser.” (P1)

“Nunca tivemos, nunca tivemos ralhação nada. Nunca ele me deu uma bofetada, nunca, nunca, nunca. Tínhamos, éramos um casal muito unido e muito amigo. Trabalhávamos muito. Mas éramos muito, muito unidos.” (P13)

Felicidade

“Que a gente dando-se bem uns com os outros é bom, dando-se bem uns com os outros é uma alegria.” (P3)

2. Exploração da relação Eu-Outro

Comportamento íntimo no namoro

“Eu no meu tempo, nem... um namoro era, namorávamos 5 anos e nem um beijo, nem um beijo...” (P6)

“Não... se a pessoa gosta. Eu também nunca tive nada com o meu marido. Nem um aperto de mão, nem nada. Eu acho que isso fez com que a gente voltasse a querer estar um com o outro. Primeiro tem de se ver, estar, conhecer, se gosta ou se não gosta. Sabe que o homem tem sempre vontade, mas há mulheres que têm sempre mais que os homens.” (P7)

Compromisso

“Não querida, é comprometida com uns e não se compromete com os outros.” (P5)

“Acho que o melhor é as pessoas se envolverem só com aquela pessoa, mais nada.” (P5)

Casamento

“Pois a gente dando-se bem um com o outro, o marido faz o que quer, não é?” (P3)

Entendimento entre o casal

“Desde que se entendam. As pessoas desde que se entendam e que se respeitem, acho que não há problema nenhum.” (P2)

3. Intimidade do Ponto de Vista Sênior

Compromisso

“Eu para mim, tem de haver compromisso...” (P2)

Monogamia

“Eu, eu discordo... neste sentido... pode ser uma relação sexual, mas a sério, tem de ser só com aquela pessoa” (P4)

Prazer

“Por isso alguma coisa tem de... Eu tenho quatro filhos e... umas vezes, umas vezes, de uma maneira e de outras vezes íamo-nos livrando.” (P2)

“Não dá prazer... olhe no meu caso, que tinha o útero torcido e nem sabia o que era. Tinha muitas dores, quando fui ao médico, ele disse que isso é um problema de pressão, e quando tenho relações... (...) Preferia que me deixassem” (P6)

Virgindade

“Eu... até acho que uma mulher. Que se deve orgulhar... Uma rapariga se orgulhe, de guardar para o seu noivo, a sua castidade.” (P2)

Responsabilidade

“Se estão, um com o outro, em conjunto na sexualidade, devem ter responsabilidade os dois.” (P5)

Relação sexual por interesse

“Quem quiser, quem. As vezes com isso até ganham dinheiro.” (P6)

Satisfazer a vontade

“Ah sim claro, não me apetecia. Eu ia mesmo para lhe fazer a vontade.” (P7)

Arrependimento

“Porque era padeiro e tralhava de noite. Não dormia comigo, só ao sábado é que ele dormia comigo. E durante o dia, mas era uma coisa que eu não gostava de fazer. E isso pronto, mas para lhe fazer a vontade, muitas vezes, não lhe fazia a vontade. E hoje estou arrependida, em não lhe ter feito a vontade.” (P13)

“E as vezes estava, isto sobre é sobre o sexo, ás vezes, eu estava ali a chorar e a olhar para a fotografia dele e dizia assim, eras tão meu amigo, estavas sempre com vontade e assim, e agora... tinha tantas coisas para te contar, tanto eu gostava de ti e assim, tinha-te amor bastante e eu não sabia.” (P7)

Desinteresse Sexual

“É e, O homem tem sempre vontade. Há mulheres que também não podem passar. Mas há outras que não querem. Eu sou uma delas. Sobre o sexo... eu nunca me apetecia (...) Nunca me apetecia... o que eu fazia era aguentava o meu marido. Quer dizer, era o meu marido que eu tinha, foi 10 anos. Foi, mas foi 10 anos. Vim para cá e nunca mais. Nunca mais. Dediquei-me a igreja, ao cemitério, em casa, nunca...” (P7)

Fingimento

“Nunca disse nenhuma vez, para leme me deixar, mas nunca neguei. Nunca neguei. Ele vinha e eu ah, ah, e ele largava-me. A mulher finge bem, a mulher pode fingir bem. Nunca tive remorsos de negar ao meu marido, não. Só homens, corpo deles é diferente do nosso.” (P17)

“E fingi muita vez, para não lhe negar, para ele me deixar. As mulheres sabem fingi...Oh fingi bem. Então não podem fingir? Tem que fingir porque temos de nos governar a gente.” (P17)

Religião

“Hmmm, prontos. A ele apetecia-lhe e eu não me apetecia, mas eu obrigava-me a fazer aquilo que disse na mesa do altar.” (P7)

“Sim, é uma parte importante, porque Deus fez o homem e a mulher, e disse, disse a eles que queria filhos, portanto, não é bem assim a palavra (...) para ter coiso. Para amar. O amor, o ato sexual, para o homem e para a mulher (...) para ter filhos, tem de haver amor, compreensão e os dois ao mesmo trabalhar honestamente. porque criai e multiplicai. É assim que a biblia mesmo disse, porque se eles se casassem, se vir que no casamento que se respeitam e que educam os filhos como deve ser, eles para isso têm de coiso.” (P12)

“Não devem se negar e devem de aceitar, porque fizeram um juramento de ser fiel.” (P12)

“Olhe eu por acaso não tive... fui para a igreja de branco e mereci ir de branco.” (P16)

“Uma mulher casada ou apaixonada, não nega nada ao homem, ao próprio amor. Até eles dizem que é pecado a gente...” (P11)

Reprodução/Procriação

“Importante da vida, porque assim, a criança, sem crianças, não tem valor nenhum.” (P12)

Tradição

“É no nosso tempo, para arranjar um rapaz, por exemplo, eu namorava, e se outro rapaz estava comigo e me tocasse, o meu rapaz que namorava, já não me queria (...) Naquele tempo era assim, a gente não consentia que nos tocassem...” (P3)

Juventude

“Isso é quando a gente... Pois quando a gente somos novas e gostam um do outro e assim... Acho que sim...” (P3)

“Eu acho que eles devem continuar a ter esta relação porque há dias em que a gente não estamos bem-dispostas e encaramos aquilo como ruim e há outros dias, recebemos aquilo como prazer...” (P4)

Método Contraceptivo

“Preservativo... aí isso para mim, não prestava para mais nada...” (P4)

Submissão

“Era, pois tem de ser filhinha, e eu olhe aceitava. O que é que eu haveria de fazer? Tinha que amar e fazer a vontade do marido (...) senão ele ia fora e arranjava outras...” (P11)

Traição

“Olhe que eu tive muitos problemas por causa disso (...) ele quer e eu não. E depois ele vai dizer que eu ando metida com outros (...) É mentira não e? ele diz, prontos...” (P11)

“Porque por exemplo, se de repente a mulher não está disposta, eles vão procurar outra.” (P12)

4. Manifestação do Duplo Padrão Sexual

Submissão da mulher

“Ela pode não querer, mas se ele quiser... olha, tem de se sujeitar.” (P11)

Sexualidade atual

“Hoje em dia, ninguém avisa. Tem sexo com uma pessoa e depois deixa e arranja outra. Hoje em dia é diferente. No nosso tempo não, como eu acabei de dizer, eu não sabia o que era o período. Toda a gente escondia de nos, tudo. Não era de pensar. Eu nunca dei conta dos meus pais, fazer sexo nem nada, era tudo muito discretamente e assim. Era diferente.” (P7)

“Qualquer... Encontram-se e coiso e já vão... É logo (...) Pelo menos é o que se vê na televisão.” (P2)

“No nosso tempo era de outra maneira... Agora vai-se este embora e arranjam outro e vai aquele embora e já tem outro... eu não engraço...” (P3)

Estigmatização da mulher

“Hmmm, não sei acho que se fosse ela... aliás ela é um bocadinho esperta demais.” (P4)

“Ela é mais maluca que ele.” (P5)

“A mulher, é, é, daquelas que são mesmo tolas... (risos).” (P5)

“A minha opinião, eu acho que, que ela está a avançar mais do que devia... No meu entender...” (P7)

“Ele tem 75? Coitadinho do pobre. Dá-lhe um bocado de veneno, ele vai-se embora e ela fica com o dinheiro.” (P12)

Reconhecimento do Duplo Padrão Sexual

“Quer digam, quer não, o homem não é igual à mulher... nunca...” (P2)

Igualdade de género

“É igual, tanto ser homem ou ser mulher é igual, tanto faz...” (P4).

Necessidade masculina

“Hmmm, os homens, querem, querem sempre mais que as mulheres...” (P6)

Transversalidade temporal

“Era, era tudo as escondidas. Mas no meu tempo, havia mães solteiras. (...) já havia mães solteiras e ninguém sabia... Elas apareciam e não era só agora, isto já....” (P7)

5. Crenças e Atitudes: Sexualidade e Duplo Padrão Sexual

Iniciativa por parte do homem

“Eu acho, eu acho que devia ser ele a ser assim, a procurar...” (P4)

“Exatamente, os homens são mais, são mais atrevidos...” (P4)

“Então, pois claro. O homem é que pede para fazer relações sexuais mais vezes.” (P5)

Mudança do Pensamento

“Oh isso era antigamente. Agora não.(...) Hoje as cachopas novas têm uma liberdade que a gente nunca teve amor! E fazem muito bem, o tempo passa a gente fica a ver navios.” (P17)

Conhecimento transmitido

“Nada, não éramos instruídas, pronto. Não éramos instruídas com nadinha. Até mesmo quando nos casávamos, também não havia ninguém que nos dizia olha passa-se isto. Só tive uma colega, que ia se casar também e é que as vezes, na brincadeira, é que dizia lá cada uma (...) mas de resto, os nossos pais não nos diziam nadinha. Era uma coisa que eu achava que era uma coisa tão comum e para que era fugir de nos explicar tantas coisas que nos eram precisas.” (P14)

6. Dinâmicas associadas ao Envelhecimento

Amor na terceira idade.

“Não o ia trocar por outra (...) porque o amor não tem idade.” (P1)

“Se... Hmmm, pronto... Se têm... diz que para amar não há idade... para amar diz que não há idade, e se, se amarem, pois não tem qualquer tipo de...na minha opinião não tem qualquer tipo de impedimento... (...) talvez os sobrinhos não tenham conhecimento da causa.” (P2)

Limitações Corporais/Biológicas

“Não, não, não, não, deus me livre. Então você já viu? A gente estar com um senhor sem poder, e para tratar do senhor e.... Não, não, não, eu quero calma e (...)” (P3)

“O homem coitado, só usando viagra, não usando viagra, aquilo morre.” (P14)

Mudanças corporais

“Malucos... A aparência, já se sabe que a idade é sempre a mesma...” (P5)

“Não senhora. Eles devem ser lindos toda a vida!” (P5)

“Estou velha, muito velha.” (P6)

“Começa a cara a “encorrilhar. (...) Oh eu para... eu nem me vejo ao espelho que tenho medo...” (P6)

“Há rosas que queriam ser sempre novas. Elas pintam-se...” (P6)

“Olhe eles que se contentem. Homens e mulheres que se contentem com o que vier... Se envelhecem, se ficam mais feios, mais velhos, mais novos?” (P6)

Desinteresse Sexual

“Então a minha filha queria que eu casasse, que eu fosse casada e tinha uma companhia. Mas eu nunca quis isso. E eu disse-lhe a ela: fiz muita coisa errada na minha vida, muita. Dei conta do meu corpo, dei conta da minha saúde. Mas agora não há cura. Mas se fosse hoje, não ia assim. Ia de outra maneira. A gente depois pensa...” (P7)

Sexualidade e a Juventude

“Pois... Quando a gente é novos, é uma coisa e quando é mais velhos, é outra...” (P6)

Idadismo

“Não, a gente com esta idade? Não, não...” (P3)

“Não, não era, era bem fina... Não era bem fina da cabeça...” (P5)

“Ele era maluco chanfrado” (P5).

“Já não tem idade para andar assim com essa vida.” (P5)

“Ah, ele não precisava de procurar outra pessoa, precisava era de tratar da vida dele e mais nada...” (P5)

Indivíduo

“Então os sobrinhos não levam a vida deles. Isso são coisas íntimas...” (P4)

Relacionamento Sênior

“E começamos assim... Mas ainda andei assim um tempo, mas ele tinha uma filha e ele de vez em quando, de 15 em 15 dias, 2 em 2 semanas ia até casa da filha, ao domingo e assim.... E ao sábado (...) até que chegou a um certo tempo em que ele então falou nisso e eu, aquilo caiu-me mal, não me caiu bem. Até que realmente apaixonei-me por ele e, e tive... olha mas ele tinha uma doença, hmmm, que não tinha os rins... (...) Assim, pois então a docência daqui... é que arranhou, eu e ele ir para o meu quarto...” (P4)

“Que ele gosta, que eu gosto, que gostamos um do outro, e assim. Mas ele nem diz que não gosta, nem eu gosto, nem nunca lhe disse que gosto. (...) Eu gosto, pronto, a gente dá-se bem mas cada um no seu lado.” (P9)

“Não, houve uma senhora e um senhor que se casaram aqui. E uma vez ela veio cá e diz que estava muito feliz e para a gente não é? Uma colega sentir-se feliz é muito bom.”

Sexualidade Sênior

“Para mim não... porque eu, eu gostava muito de nos estarmos, era como se estivéssemos casados (...) E então, eu gostava muito de ver a televisão e ele antes vinha assim como quem queria brincadeira e depois dormia. Mas eu queria e dizia: espera aí, que deixa-me ver isto, e assim (...) e tantas vezes eu lhe disse isso que ele acabou por adormecer. Ele dormia, dormia e eu via o programa que queria e depois... e quando queria eu, ele não queria porque estava com sono.” (P4)

“Que eu sei de pessoas mais velhas que eu, que já morreram. Elas diziam que sofriam muito. Já estavam com uma idade e queriam sexo.” (P7)

“Olhe acabei de dizer, que eu lia que estavam num lar e que se juntaram um com o outro. Eram casados, eram viúvos e conheceram-se e prontos, deu-se. E ela, a Mariazinha, que ainda gostava de fazer mais sexo naquela altura do que quando era nova...” (P7)

Duplo Padrão do Envelhecimento

“É com calma mesmo, tem de ser mesmo com calma. Acariciar, com caricias, com as palavras. É o que ela deve fazer. Para ser de caminho, então vamos agora e dizer assim: possa a mulher esta maluca! Quer logo, e eu com esta idade não da. A gente tem de pensar que estas coisas são assim.” (P12).